

FALO

ano IX . # 44

PANSY ASS CERAMICS

TOM CALLOWAY

CORNELIUS McCARTHY

EMÍLIO MATTOS

FALO DIABÓLICO

FALO® é uma publicação bimestral.
setembro 2026.
ISSN 2675-018X
versão 20.09.26

edição, redação e design: *Filipe Chagas*.
corpo editorial: *Dr. Alcemar Maia Souto e Marcos Rossetton*.
site: *Pedro Muraki*.

capa: *Vasos Sounding*, cerâmicas do Pansy Ass Ceramics.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.



COMPRE PRODUTOS FALO

COLAB55

Sumário

PANSY ASS CERAMICS

6

TOM CALLOWAY

20

FALO DE HISTÓRIA
Cornelius McCarthy

34

FALO em FOCO
Emílio Mattos

54

ESPECIAL
Fanny Hill

62

FALÓFORO

66

FALORRAGIA
Falo diabólico!

70

FLACCID ZINE
Pedalada Pelada

84

CONTOS DO FALO
Estranhos demais

88

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

90

FALO com VOCÊ

92

moNUmento

95



Setembro é o mês que inicia a primavera no hemisfério sul, estação da flora e da fauna, da natureza, da abundância e da fertilidade do mundo. É o período da luz que alegra e acalenta após o frio inverno. A energia criativa está em alta e, consequentemente, a energia sexual.

É essa energia criativo-sexual que permeia essa edição. Das cerâmicas às fotografias, da ilustração de Pã à demonização do falo e o seu encantamento, tudo gira em torno de forças naturais que nos movimentam desde priscas eras. Com todas as construções sociais – que por milênios foram internalizadas e são reproduzidas acriticamente –, essa edição busca resgatar essas forças como prova de que somos capazes de muito mais, que somos seres desejantes, que podemos ter prazer sem culpa, sem pecado.

Então, faço um convite para uma leitura ampliada: veja os objetos para além da nudez como uma possibilidade de expressão do lúdico; veja a nudez dos homens em suas vulnerabilidades e entregas; veja a pintura moderna como uma



Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina (cis/trans) na Arte. Há, portanto, imagens de genitais. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

linguagem de expressão e ruptura; veja o falo como um membro natural, uma parte da natureza; veja como uma mulher também pode descrever seu desejo pelo corpo masculino porque ele não é exclusivo do olhar gay; veja como uma foto pode ganhar um novo significado a partir de novas palavras e fragmentações; veja como o medo foi elaborado para nos controlar e impedir uma relação saudável com os nossos corpos; veja como a relação da nudez com a cidade tem potencial para mudar a sociedade; veja como um encontro casual também tem afeto, pois somos seres emocionais; veja que podemos ilustrar o contemporâneo e a antiguidade num cruzamento que revela o que temos de humano; veja que política é mais do que ideologia e partidos, mas um estado maior de consciência coletiva.

Texto, imagem... leia o que for possível para você e depois se dê um tempo para receber toda a energia que veio das reflexões que brotaram. Deixe florescer perguntas, deixe fluir, deixe enraizar, deixe maturar. A natureza precisa de tempo e nós somos parte dela. Esteja preparado para os frutos das respostas.

Filipe Chagas
criador e editor

Pansy Ass Ceramics

por Filipe Chagas

Pesos de papel Piscineiros.



É na tensão entre delicadeza e erotismo que se encontra o trabalho de **Andrew e Kris**, artistas canadenses radicados em Toronto e responsáveis pela **Pansy Ass Ceramics**, um projeto que há mais de uma década explora a identidade queer por meio da porcelana e do ato de ornamentar. Nascidos no Canadá e formados pela Universidade Concordia, em Montreal, os dois são parceiros na vida e na arte. A parceria se traduz em uma produção que transita entre escultura, desenho, objetos funcionais e cerâmica de pequenas e grandes dimensões.

A escolha da cerâmica – mais especificamente, a porcelana – está longe de ser casual. Historicamente relacionada à sofisticação, à fragilidade e ao universo doméstico, ela oferece aos artistas um campo fértil para confrontar expectativas culturais. Em suas mãos, o material passa a incorporar corpos, desejos e referências culturais queer e se torna uma produção que é, ao mesmo tempo, decorativa, funcional, escultórica e provocativa.

A trajetória da Pansy Ass Ceramics começou na modificação de peças de cerâmica vintage. A publicação dessas experiências nas redes sociais trouxe visibilidade e, gradualmente, a prática se transformou em algo maior. O reconhecimento como artistas veio, segundo eles, quando

passaram a desenvolver e comercializar suas próprias esculturas a partir do vasto arquivo visual produzido e compartilhado na internet.

Parte importante dessa produção utiliza o slip-casting, um processo que envolve a criação de moldes de gesso a partir de esculturas de argila. Essa técnica permite a reprodução contínua das peças com o uso de barbotina, um tipo de argila líquida que se solidifica com o tempo dentro dos moldes. Essa possibilidade de repetição estabelece uma relação interessante com a própria cultura da produção artística contemporânea: a peça deixa de depender exclusivamente da singularidade do objeto original e passa a existir como série.



Cachimbo Caralho.



Vaso Prick Planter.

Para a dupla, é particularmente gratificante criar peças que também possam ser utilizadas. A caneca, o espremedor de suco ou o suporte para incenso não deixam de ser objetos artísticos por possuírem uma função cotidiana. Pelo contrário: a função permite que a obra atravesse a fronteira entre galeria e vida doméstica. É uma operação que também dialoga com a própria história da cerâmica, pois, antes de ser reconhecida como linguagem escultórica, ela esteve profundamente ligada à produção de objetos utilitários. A Pansy Ass Ceramics recupera essa dimensão, mas introduz nela uma iconografia que dificilmente encontraria lugar em uma porcelana doméstica convencional.

Abajur Gogo Boi.



Espremedor de fruta e Saleiro/Pimenteiro.





A objetificação do corpo feminino dentro da história da arte ocidental levou Andrew e Kris a buscarem outra perspectiva. Para eles, a possibilidade de produzir abertamente imagens de homens interessados no corpo masculino representa uma conquista cultural importante. Ao colocar o corpo masculino no centro de objetos de porcelana, os artistas não apenas representam um corpo: eles deslocam sua função simbólica. O homem deixa de ser exclusivamente sujeito ou autor do olhar e passa também a ocupar o lugar de objeto de desejo. É nesse ponto que vão de encontro a uma questão central para a arte erótica contemporânea: quem pode olhar, quem pode ser desejado e quem pode transformar o próprio desejo em linguagem artística?



Incensário defumador.



Incensário Cake Presentation.



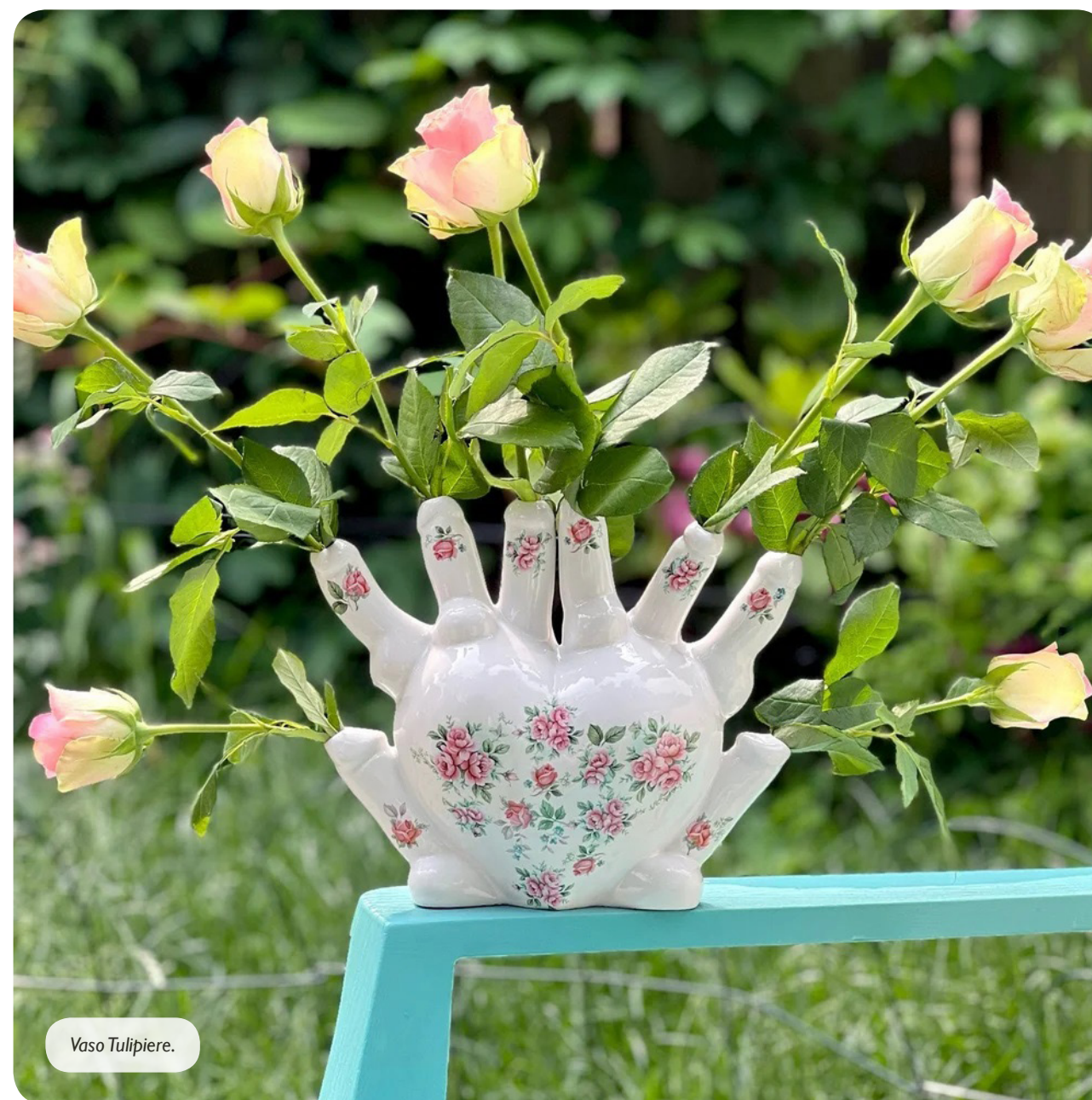
Vaso Bone Planters.

O falo, nesse contexto, assume inclusive uma dimensão funcional. Como muitas de suas peças apresentam situações de caráter sexual, o pênis ereto aparece com frequência:

A cerâmica é dura como pedra, então os pênis também devem ser! Felizmente, o formato do pênis — com a abertura na extremidade — é perfeito para encaixar coisas nele... então, adoramos transformá-los em vasos e suportes para incenso.



Cockdelabra.



Vaso Tulipiere.

Quando perguntados sobre qual parte do corpo masculino mais gostam de representar, a resposta é direta: “Bumbuns!”. Não por acaso, algumas de suas peças mais populares apresentam nádegas, mas a representação corporal frequentemente ganha outra camada, quando, por exemplo, um traseiro se torna um vaso de flores, transformando aquilo que poderia ser apenas uma representação anatômica em objeto decorativo. Essa combinação traz também o lúdico capaz de gerar reflexões significativas para a desconstrução de tabus, uma irreverência que ajuda a desmontar a ideia de que a arte sobre sexualidade precisa necessariamente assumir uma postura grave ou exclusivamente política. Há política na afirmação do desejo, mas também há prazer, e humor.



Acima, Dreno Daddy e Abajur Rola, e, abaixo, Castiçal Caralho e Enfeite de Natal XXX Gaiola.



Além da cerâmica, eles produzem desenhos e séries de impressões. Entre suas referências estão artistas que ajudaram a ampliar os limites da representação da identidade e da sexualidade queer, como Andy Warhol, Keith Haring e Robert Mapplethorpe. A influência desses artistas, entretanto, não se traduz simplesmente em citação estética. Ela aparece sobretudo na possibilidade de utilizar a arte para tornar visível aquilo que durante muito tempo foi marginalizado ou representado apenas a partir do olhar de terceiros. A internet entra como arquivo iconográfico, espaço de pesquisa e território de circulação.

Segundo os artistas, centenas de criadores já entraram em contato com eles ao longo dos anos, fazendo com que eles identifiquem uma comunidade internacional expressiva de homens queer produzindo arte sobre homens queer. Isso aponta para uma mudança de percepção, mais do que uma aceitação da representação do corpo masculino, que não é novidade na arte.

Felizmente, vivemos em Toronto, onde existe uma cultura queer bastante expressiva, mas é muito bom viver em um mundo onde podemos criar obras abertamente como homens interessados na forma masculina.

Cartões de Dia dos Namorados Sexy.



Vaso Bolas Fora da Cueca.



A dupla Andrew e Kris.

Quando perguntados sobre o que diriam a outros artistas interessados no nu masculino e eles respondem “sejam ousados e façam exatamente aquilo que desejam fazer”, eles estão fazendo uma afirmação artística importante. Em um campo no qual o corpo masculino ainda pode ser tratado com constrangimento, censura ou excesso de racionalização, produzir imagens sensuais de homens simplesmente porque elas despertam interesse, desejo ou prazer se tornam um gesto de liberdade. E, no universo da Pansy Ass Ceramics, até mesmo uma flor pode nascer de onde menos se espera. **8=D**

Tom Calloway

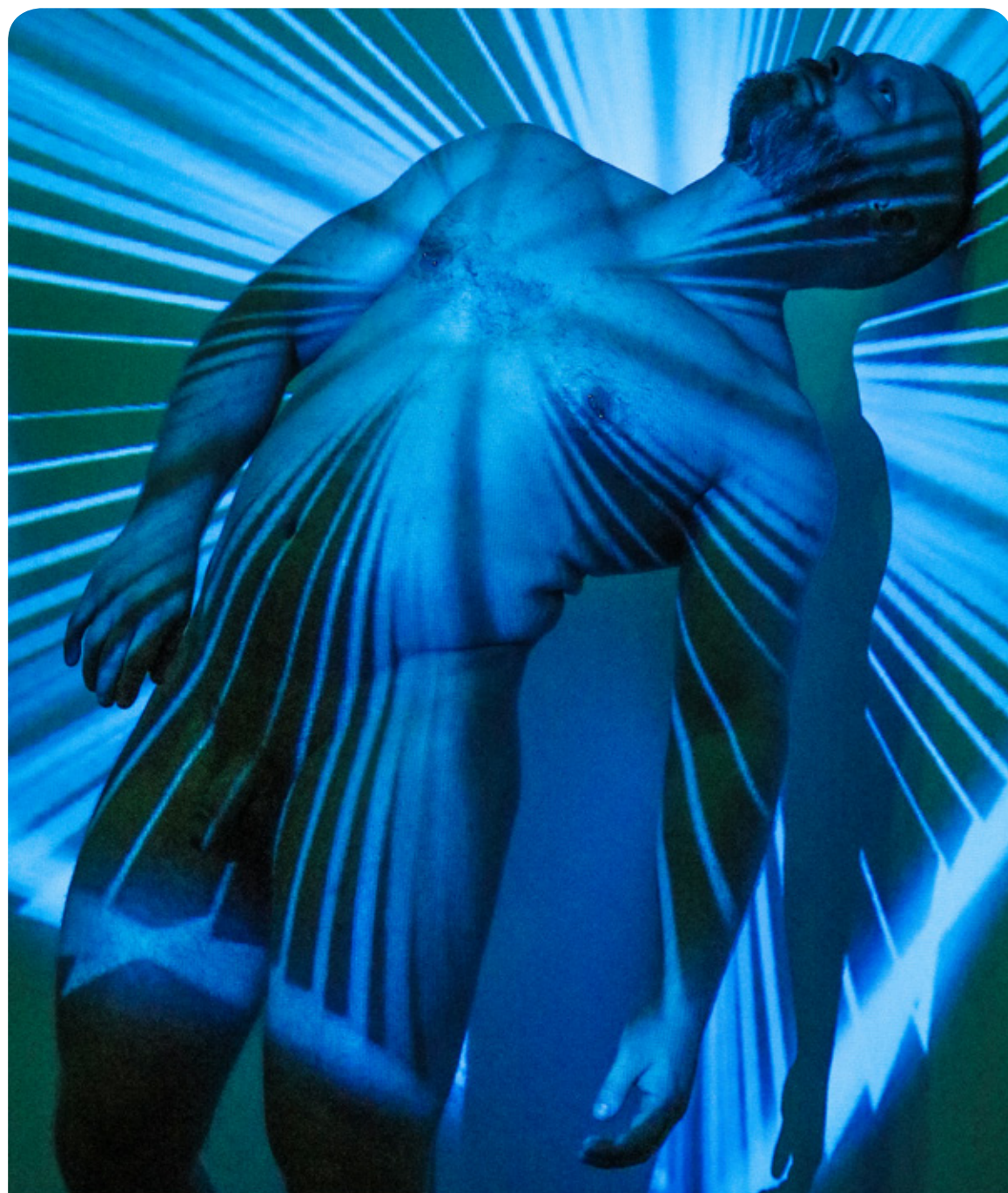
por Filipe Chagas

Se durante décadas grande parte da fotografia contemporânea do nu masculino esteve dividida entre a documentação do corpo atlético e a imagem explicitamente erótica, diversos artistas passaram a explorar um território intermediário, no qual a nudez deixa de ser exclusivamente um signo de desejo para tornar-se também um instrumento de investigação estética, afetiva e identitária. É nesse espaço que se insere o trabalho do fotógrafo estadunidense **Tom Calloway**.

Modelo: Gilmar.

Há mais de quinze anos, Calloway dedica sua produção ao retrato figurativo masculino, construindo uma linguagem que desloca o interesse da sexualidade para a sensualidade. Em suas fotografias, a nudez não é negada nem ocultada; pelo contrário, ela aparece como condição natural da imagem. Entretanto, seu objetivo não consiste em produzir fotografias voltadas à excitação do observador. O que lhe interessa é a possibilidade de representar homens em toda a complexidade de sua humanidade, revelando vulnerabilidade, delicadeza, humor, introspecção e beleza. Ele procura construir retratos que valorizam o indivíduo antes do corpo fragmentado. A sensualidade, em sua obra, nasce da presença e da atmosfera, não da espetacularização da anatomia.

Suspeito que os homens que fotografo se sintam atraídos por essa abordagem. Muitos homens comentam que adoram o fato de eu capturar “todos” os seus aspectos e ajudá-los a se verem como atraentes, sedutores e bonitos além daquilo que os define sexualmente.





Sua trajetória pessoal ajuda a compreender essa abordagem. Filho de um militar norte-americano, viveu em diferentes regiões dos Estados Unidos e passou parte da adolescência em Berlim, experiência que lhe proporcionou contato com culturas distintas. Diferentes linguagens criativas – jazz, pintura, marcenaria e trabalhos em vidro – fazem parte de seu universo de interesses, revelando um artista cuja prática está ligada ao prazer da experimentação. Essa abertura para diferentes processos criativos também se manifesta em sua fotografia, construída muito mais pela observação e pela experiência do que por uma formação acadêmica formal.

Quando era jovem, passava horas em laboratórios de revelação, buscando a exposição perfeita para minhas fotografias. Isso ainda acontece hoje, mas é muito mais fácil com as ferramentas disponíveis atualmente. Adoro dedicar tempo a extrair o máximo de uma imagem usando tecnologia.

Curiosamente, seu ingresso na fotografia de nu masculino ocorreu de forma espontânea. Frequentador de uma aula de ioga praticada por homens nus, o fotógrafo conta que recebeu o convite para registrar uma das turmas. O receio inicial de que poucos aceitassem ser fotografados rapidamente deu lugar à surpresa: a sessão tornou-se uma das mais concorridas do grupo e revelou um caminho profissional que se expandiria nos anos seguintes. A partir dessas primeiras imagens surgiram convites para ensaios individuais, consolidando um corpo de trabalho que, apesar das constantes limitações impostas pela censura das redes sociais, conquistou reconhecimento internacional.



Modelos: Luke e Ben.



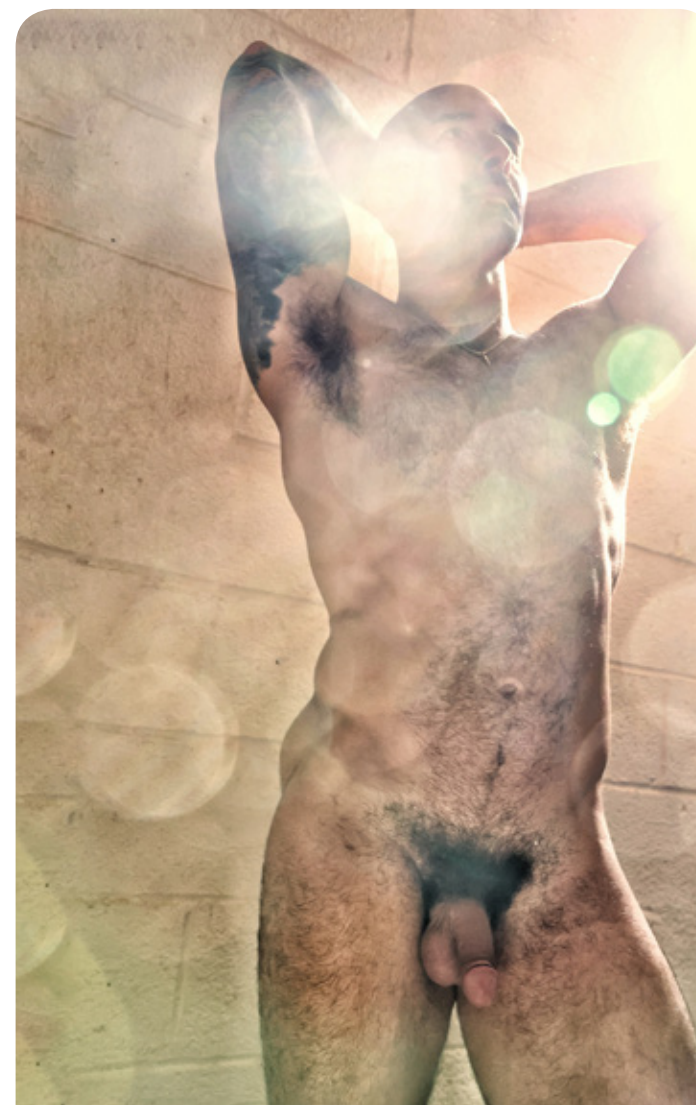
Modelo: Eddie Burke.



Modelo: David.



Modelos: Can e Joseph.



Influenciado pela iluminação dramática de Caravaggio e por fotografos contemporâneos dedicados ao nu masculino, como Vincent, do Mascular Studio, Xing Photo Studio, David Clifton-Strawn e Randy Addison, sua construção visual evidencia uma preocupação permanente com a luz e com o ambiente para que ambos sejam elementos narrativos capazes de conferir densidade emocional à figura representada. Por isso, Calloway demonstra especial interesse por espaços inesperados – oficinas de marcenaria, lavanderias abandonadas ou ambientes naturais remotos – onde a presença do corpo nu rompe convenções culturais e deixa de funcionar como espetáculo para tornar-se um elemento de deslocamento simbólico, instaurando um diálogo entre corpo, arquitetura, natureza e luz.

Acho que meu melhor trabalho geralmente resulta da combinação de um homem bonito, um cenário incomum e uma luz natural e quente.

Também busca preservar a espontaneidade do retratado, estimulando o movimento natural pelo espaço em vez de dirigir poses cuidadosamente coreografadas. O relacionamento estabelecido com os modelos fundamenta-se na confiança e no respeito absoluto aos limites de cada participante. O fotógrafo reconhece que posar nu representa um exercício de vulnerabilidade e, por essa razão, considera essencial construir um ambiente seguro durante todo o processo criativo. Nenhuma fotografia é publicada sem que o modelo se reconheça positivamente na imagem produzida, transformando o consentimento em parte constitutiva da própria obra.

Embora trabalhe frequentemente com o nu frontal, os genitais não ocupam posição privilegiada em sua construção visual: constituem apenas partes integrantes do corpo, sem hierarquia sobre os demais elementos anatômicos. Seu interesse concentra-se sobretudo no rosto, considerado por ele a região mais expressiva e emocional da figura masculina. Não por acaso, raramente realiza fotografias em que a face esteja oculta ou excluída da composição.

Essa escolha altera profundamente a relação entre espectador e imagem. Ao devolver protagonismo à expressão facial e à individualidade do retratado, Calloway convida o observador a reconhecer naquele corpo uma pessoa antes de reconhecer um objeto de desejo. Ainda que sua produção dialogue inevitavelmente com o chamado “male gaze” (olhar masculino), esse olhar é constantemente deslocado para uma dimensão afetiva e contemplativa, onde sensualidade e empatia coexistem.



Modelos: Jason Brand-Andersen e Gilmar (acima), e Bobby Justice e T-Rex (abaixo).



Modelo: Ronan.



Modelos: Jay e Ben.





Modelo: *Todd Fellow*.

Ao refletir sobre a produção contemporânea, Calloway percebe avanços na aceitação do nu masculino como linguagem artística, sobretudo em razão da circulação ampliada de imagens proporcionada pelas redes sociais. Ainda assim, ressalta que a censura direcionada especificamente à nudez masculina permanece significativa, limitando a visibilidade de artistas que trabalham com essa temática. Nesse contexto, reconhece a importância de plataformas digitais mais abertas (BlueSky) e de publicações especializadas (como a *Mascular Magazine*), que oferecem espaços fundamentais para a difusão de trabalhos frequentemente marginalizados pelos circuitos convencionais.

Sua produção evidencia que o nu masculino ainda constitui um território em disputa dentro da arte contemporânea. Ao afastar-se tanto da idealização clássica quanto da objetificação erótica, propõe uma fotografia em que o corpo masculino recupera sua dimensão integral e a nudez passa a operar como linguagem. Em tempos marcados pela circulação incessante de imagens do corpo, sua obra recorda que o retrato ainda pode ser um espaço de encontro entre fotógrafo, modelo e espectador, onde a sensualidade nasce menos da exposição da anatomia do que da presença humana que ela revela. **8=D**



Modelo: *Josh*.



Autorretrato.

Falo de História

por Filipe Chagas

Cornelius McCarthy

1935-2009

*Dois rapazes em um quarto
escuro, óleo sobre tela, 1987.*

Nascido em uma família de classe trabalhadora com ascendência católica irlandesa e judaica ashkenazi, **Cornelius McCarthy** (1935-2009) cresceu em Stepney, no East End de Londres, em um ambiente cuja experiência visual alimentou seu interesse pela arte. Sua formação artística começou muito cedo tanto na escola quanto em instituições comunitárias de Stepney, em Londres, e os mestres italianos, especialmente Rafael e Michelangelo, tornaram-se suas primeiras referências importantes.

Aos 15 anos, conseguiu uma bolsa para estudar na Goldsmiths College School of Art, onde estudou com Samuel Rabin (1903-1991), artista conhecido por suas representações de boxeadores e lutadores. Rabin enfatizava a importância da linha para construir a forma, e essa preocupação permeia a obra de McCarthy. Foi convocado para o serviço militar obrigatório britânico ao fim de sua formação na Goldsmith. Segundo alguns registros, isso não interrompeu seu instinto criativo: colegas lembravam que ele desenhava em qualquer coisa que tivesse à mão, inclusive formulários militares e listas telefônicas. Em 1953, com 18 anos, passou a participar regularmente das exposições da East End Academy, inserindo-se no circuito artístico local com uma produção centrada em paisagens, arquitetura, retratos e cenas cotidianas.



Na década de 1960, duas exposições mudam a linguagem pictórica de McCarthy: a primeira, em 1960, foi uma grande exposição de Pablo Picasso em Londres, onde ele passou a incorporar elementos associados ao cubismo para construir o corpo através de planos de cor e luz; e a segunda – e mais significativa – foi a retrospectiva de Keith Vaughan na Whitechapel Gallery, em 1962, onde McCarthy compreendeu a possibilidade do nu masculino ser um tema artístico autônomo. A obra de Vaughan não foi apenas uma influência estética: a retrospectiva parece ter dado a McCarthy uma autorização intelectual para fazer algo que se tornou o eixo de sua investigação pictórica.

Homens, guache sobre papel, 1961.

Sem título (Dois performers), óleo sobre tela, 1983.





Sem título, guache
em papel, 1984.



O parque (Johnny), óleo sobre cartão, 1985.

Por volta de 1963, McCarthy começa a consolidar sua relação com Alec Ayres (1929-2015), que se tornaria seu companheiro de longa duração. Em 1966, ele conhece Peter Dobson, que se tornou não só seu grande amigo, mas também biógrafo, pesquisador e um dos principais responsáveis pela preservação da memória de sua produção. No fim da década de 1960, o artista já estava deslocando figuras masculinas de assunto ocasional e tradicional na história da arte para uma questão própria da pintura moderna.

O treino, óleo sobre tela, 1985.



Sem título (O rapaz the colete amarelo), guache em papel, 1985.



Micky escondendo a ereção (guache, 1988) e Figura dançante (pastel, 1991).

Sem título, guache
sobre cartão, 1994.

Cornelius McCarthy 94



Mick Jones descansando,
guache sobre papel, 1995.



Cornelius McCarthy 95

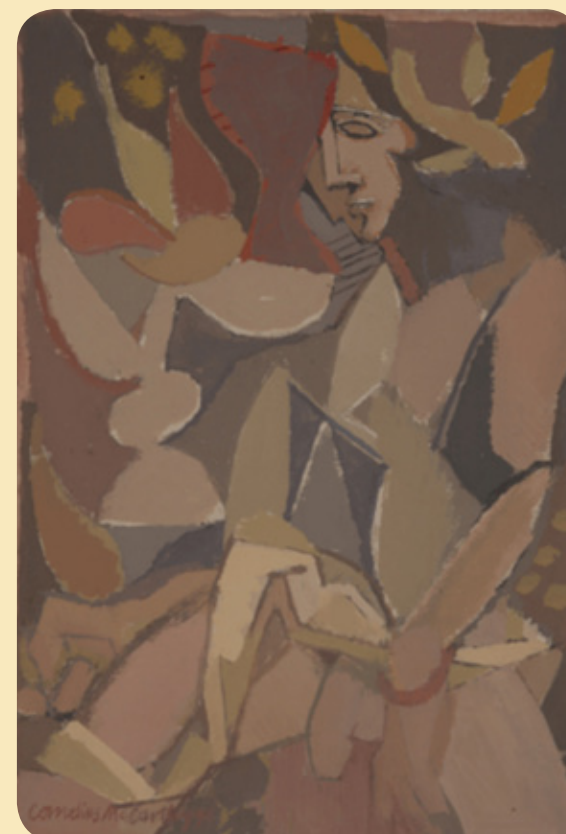
McCarthy tornou-se funcionário público ligado às artes do município – onde ficou de 1971 até 1988. Como gestor cultural, trabalhou em museus e bibliotecas, e foi formando um círculo artístico próprio com artistas locais, entre eles John Godden (1930-1999), Colin Ward (1924-2010), Violet Fuller (1920-2008) e Beatrice Camm (1906-1974). Continuou paralelamente sua carreira dedicada à pintura, colocando cada vez mais o corpo masculino no centro da narrativa. Entretanto, ele não estava simplesmente produzindo “homens nus”; havia um estudo formal do corpo que adicionava elementos de natureza-morta e levava em consideração os personagens envolvidos como indivíduos.



Sem título, guache sobre cartão, 1994.



Acima, Keiron usando cinto e Réquiem solene para Jim (ambos em guache, 1992).
Abaixo, Rapaz etrusco e Christopher pálido (ambos em guache, 1994).

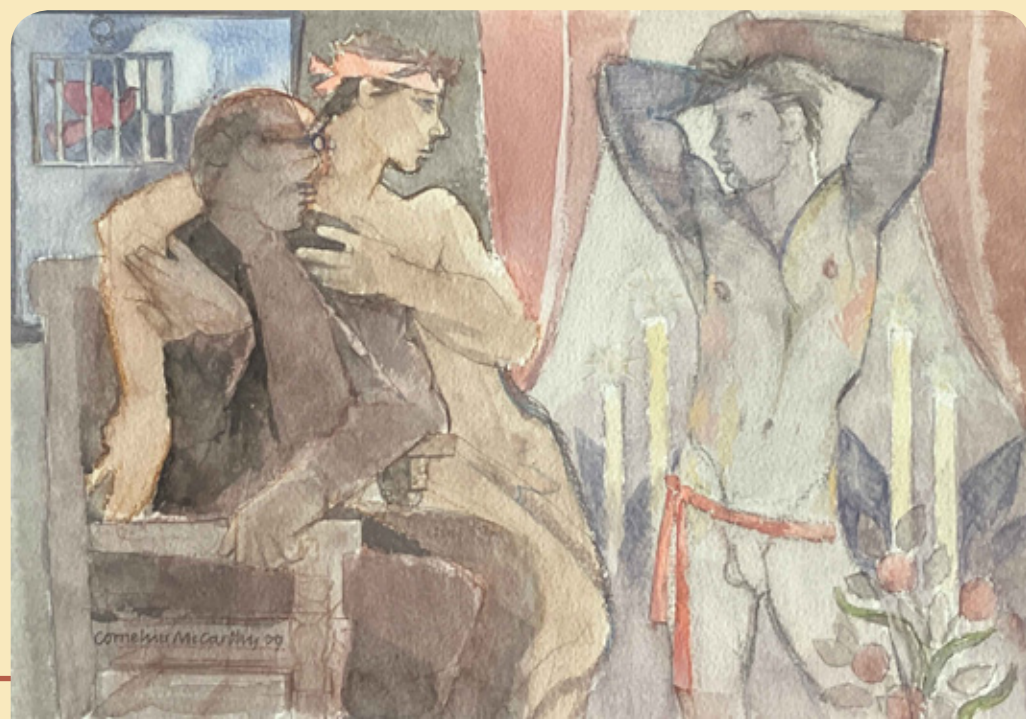


O artista viajou bastante para estudar arte. Fez uma espécie de Grand Tour pela Itália, visitando coleções e monumentos, e posteriormente viajou pela Espanha e pelas Américas, entre outros lugares. Uma viagem ao México em 1997, inspirou a série *House of Doves*, baseada em cenas de um bordel que encontrou durante a viagem.

A série foi desenvolvida durante anos, levando o erotismo de forma mais explícita à sua arte. Sua produção posterior mostra uma variedade enorme de abordagens do corpo masculino: figuras isoladas, grupos, interiores, paisagens, cenas domésticas, personagens vestidos e nus.



Duas imagens do *House of Doves*: *Introdução* e *O Templo*, ambas de 2009.



Escolha, guache sobre papel, 2006.



Acima, *Gigante raspado* (guache sobre papel, 1997) e *Garçon (Merida)* (óleo sobre cartão, 1997). Abaixo, *Chris, Johnny e Jim* (óleo sobre tela, 2000).



Alongando na janela, guache sobre papel, 2002.

Cornelius McCarthy 02

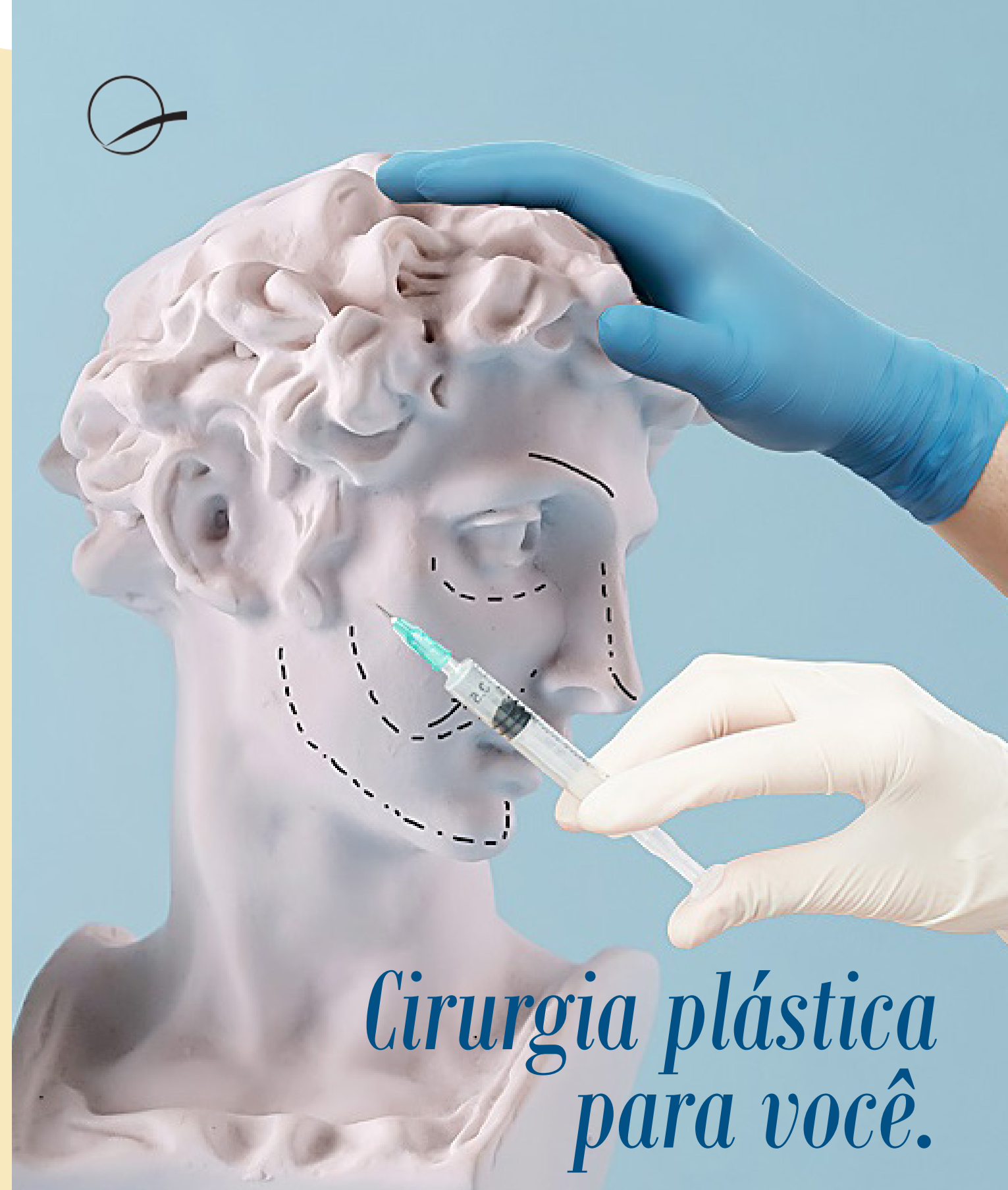


Ritos da primavera, pastel sobre papel, s.d.

Cornelius McCarthy e Alec Ayres formalizaram sua união civil em 2006, depois de décadas de relacionamento. Três anos depois, já enfrentando problemas de saúde que limitavam sua atividade, o artista faleceu de forma inesperada. Naquele momento, a Adonis Gallery estava apresentando uma exposição intitulada *Unseen McCarthy*, dedicada a trabalhos que raramente haviam sido vistos. No ano seguinte, a galeria organizou uma exposição memorial com apoio de Ayres. Em 2015, Dobson publicou *Radiant Affinities: The Life and Work of Cornelius McCarthy*, a primeira biografia integral do artista com cerca de 300 páginas. **8=D**



Jardineiro raspado, grafite sobre papel, 2000.



*Cirurgia plástica
para você.*



Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000

alcemarmaiasouto@gmail.com

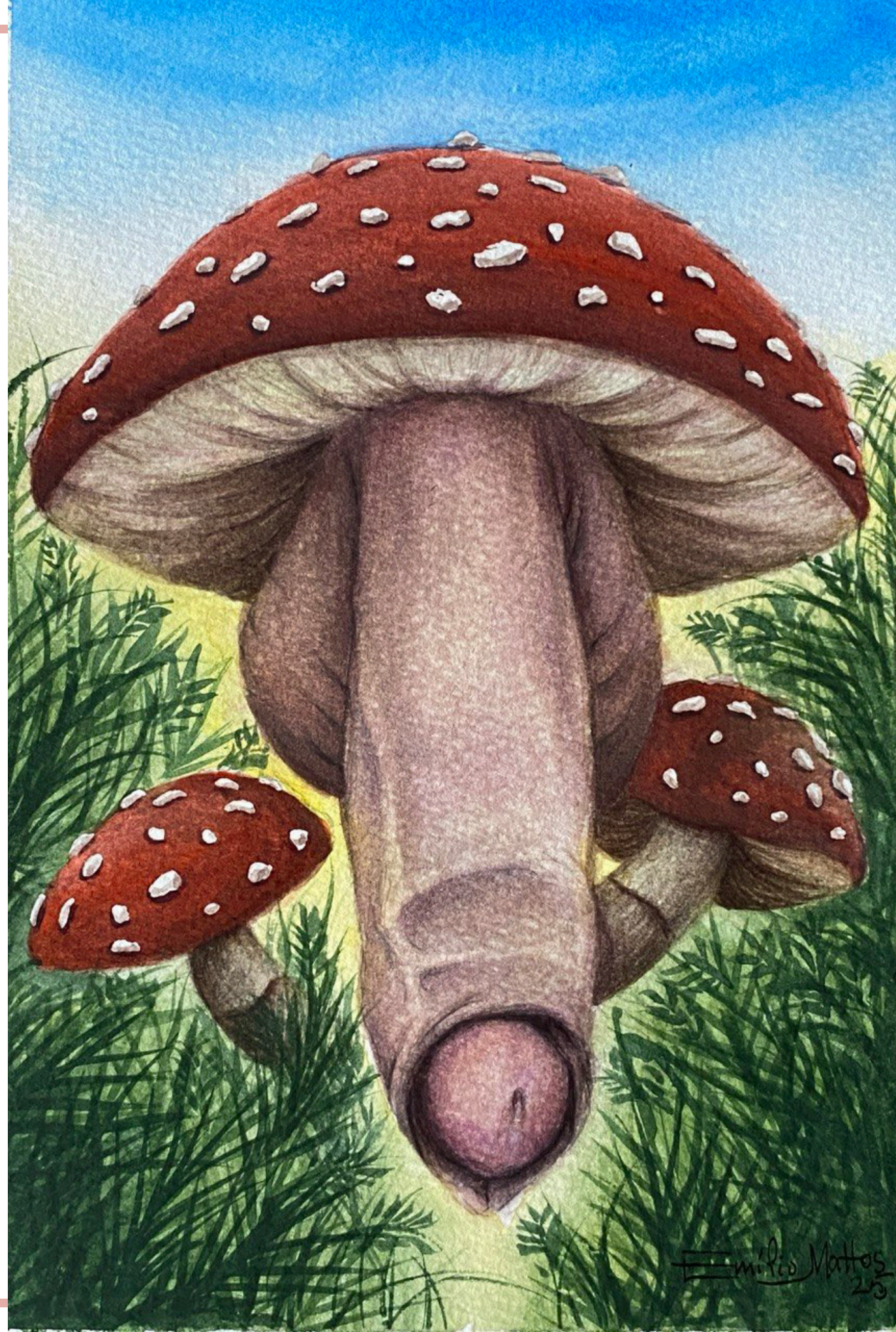
O fascínio pelo falo é histórico: “fascinus” era o nome dos amuletos em forma de pênis alados que existiam na Roma antiga. A trajetória profundamente pessoal do projeto **Falo Encantado**, do artista baiano **Emílio Mattos**, pode comprovar isso.

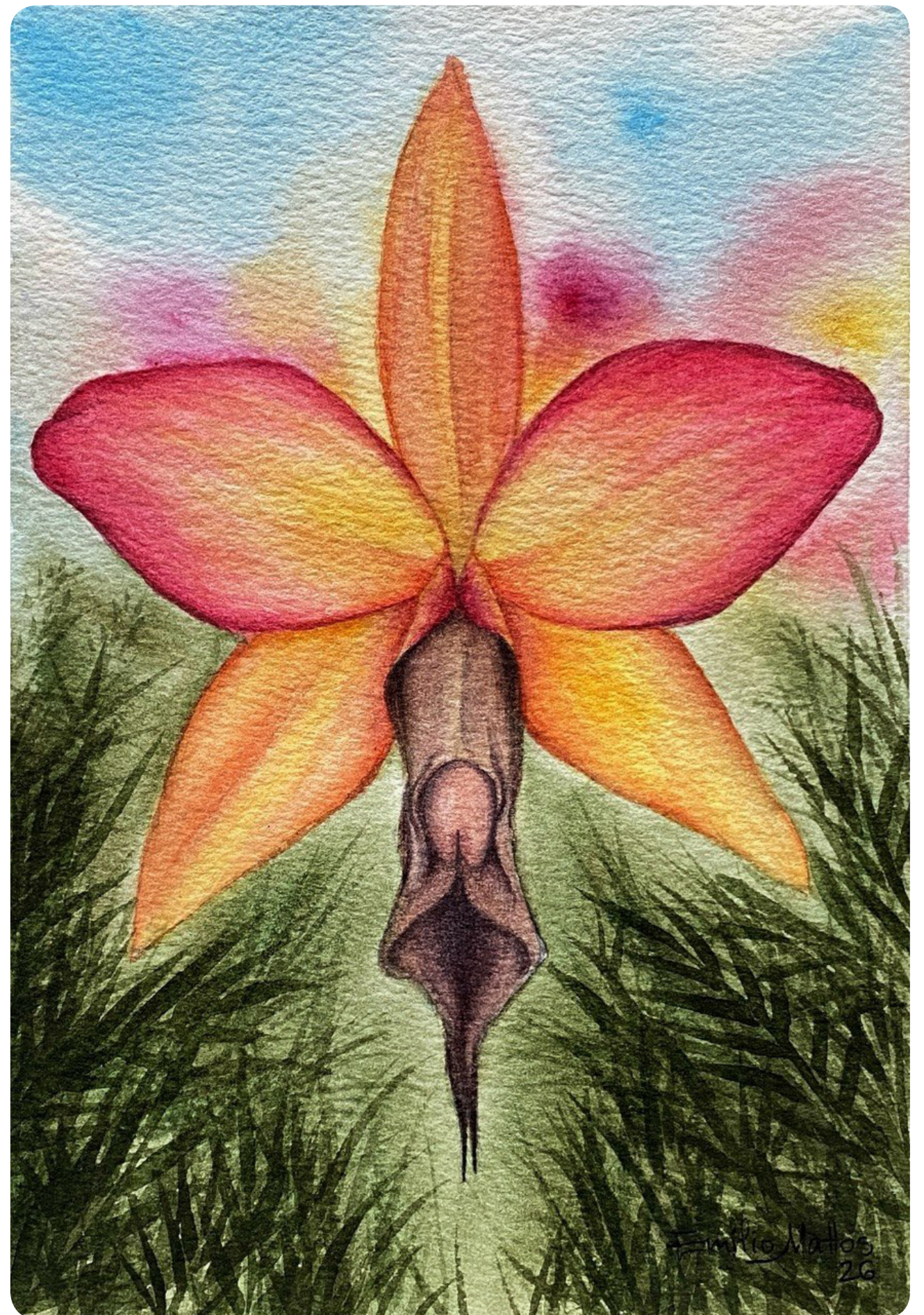
No início, o artista acreditava que fazer desenhos de pênis que exploram a relação do homem com a natureza era apenas uma forma de “causar”. Entretanto, as redes sociais levaram suas artes a muitas pessoas que deram um feedback positivo e estimulante. Inúmeros retratos foram feitos, até que Emílio se deu conta que a magia do seu trabalho não era para os outros, mas para si mesmo.

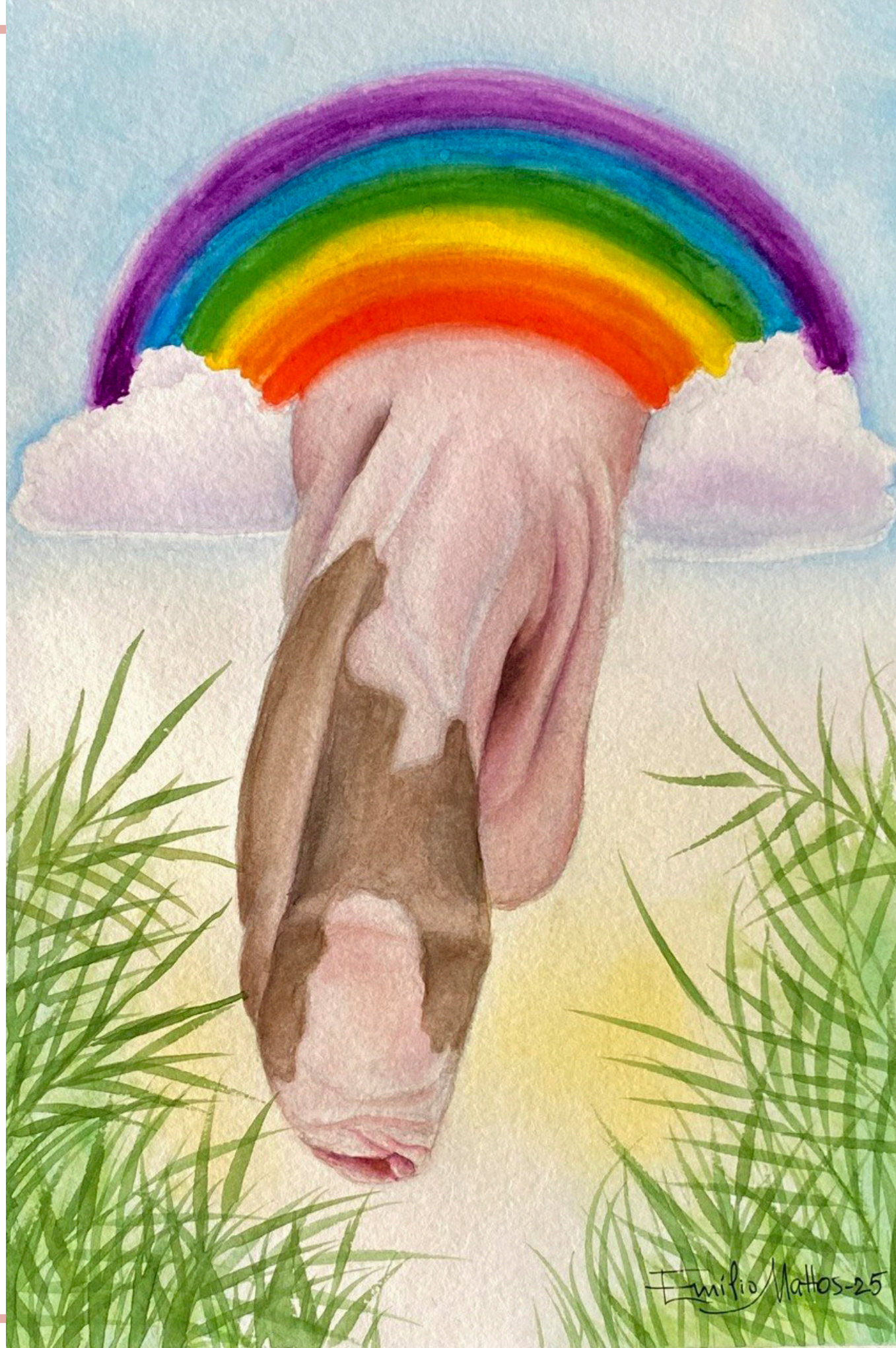
O trabalho era, de certa forma, sobre minha própria aceitação. Era sobre a relação que construí com o meu próprio corpo, comparando-o com revistas pornográficas. Era sobre o constrangimento público pelo bullying na adolescência que me levou a fazer uma intervenção cirúrgica, mas também sobre o orgulho que tinha do meu corpo recluso no meu próprio mundo. Hoje percebo que parte do meu processo de criação é justamente trazer para fora esse olhar que eu tinha escondido.

Isso se refletiu na técnica. A precisão que sempre buscou no desenho inspirado em DaVinci e Michelangelo foi atravessada pelo comportamento errático da aquarela (“sua fluidez, transparência e a possibilidade de deixar que o acaso também participe do processo”) e pela inspiração em artistas com linguagem própria que construíram universos particulares (como Frida Khalo, Yayoi Kusama e Osgemeos).

E também se refletiu na escolha artística de representar modelos não circuncidados. Numa espécie de “reivindicação”, o prepúcio que um dia foi motivo de vergonha seria transformado pela arte em algo que pode ser visto, vivido, aceito e celebrado. Ao representar a diversidade anatômica de homens reais, Emílio compreende que também está representando uma parte de si que é capaz de existir sem a necessidade de adequação a padrões (“cada figura masculina carrega uma história que confronta o meu próprio corpo”).







Seu interesse está no corpo nu como um todo e também em seus fragmentos, bem como nas relações de desejo e identidade que esses elementos podem despertar. Para ele, existe sempre uma pessoa além do corpo representado, levando-o a perceber o corpo para além de uma perspectiva exclusivamente masculina. Entretanto, o nu frontal assume para Emílio um caráter libertador em um contexto marcado pelo banimento e pelo conservadorismo em relação ao corpo. Sua preferência pelo pênis em estado natural reforça essa ideia: longe da performance de virilidade ou da necessidade de provar alguma coisa, o pênis flácido representa um corpo simplesmente existente, confortável consigo mesmo. É justamente nessa transformação que Emílio encontra o encantamento mais íntimo e, ao mesmo tempo, universal. **8=D**



SEJA MAIS.

ben-
feito
ria

www.benfeitoria.com/falomagazine

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

agradecimento na Falo

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral com antecedência e os anuais em inglês por e-mail

www

***Obrigado a vocês que
acreditam na revista
e no poder transformador
da Arte!***

Alcemar Maia, Daniel Caye, Estêvão Sena, Maria da Graça, Paulo Cibella, Paulo Mendes, Rossetton, Silvano Albertoni, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Eduardo Filiciano, Fabio Ibiapina, Felipe Migueis, Giovanni Ravasi, Marcos Resende, Saint Clair Araújo e benfeitores anônimos.

Memórias de uma mulher de prazer

por Filipe Chagas

Popularmente conhecido como *Fanny Hill*, “Memórias de uma Mulher de Prazer” é um romance erótico do escritor inglês John Cleland (1710-1789), publicado pela primeira vez em Londres em 1748 (vol. 1) e 1749 (vol. 2). Escrito enquanto o autor estava na prisão por dívidas, é considerado **a primeira pornografia em prosa inglesa original** e **a primeira pornografia a usar a forma do romance**.

O historiador da arte Johann Winckelmann chegou a recomendar a obra pela sua “sensibilidade delicada e ideias nobres” semelhantes a escritos da Antiguidade Clássica, pois o livro não contém termos chulos ou científicos explícitos para partes do corpo, mas utiliza diversos recursos literários para descrever os genitais. Mesmo assim, tornou-se **um dos livros mais processados e proibidos da história**.

Inicialmente, não houve reação ao romance. No entanto, em novembro de 1749, autor e editor foram presos e acusados de “corromper os súditos do Rei”. No tribunal, Cleland precisou rejeitar o romance, que foi oficialmente retirado de circulação.

À medida que o livro se tornou popular, surgiram edições piratas. No século 19, cópias do livro foram vendidas clandestinamente.

Em 1821, um tribunal de Massachusetts, EUA, condenou o editor do livro por imprimir um romance “lascivo e obsceno” e tentar “depravar e corromper os cidadãos para despertar e criar em suas mentes desejos desmedidos e lascivos”.

Em 1963, em Londres, a polícia tomou conhecimento do lançamento de uma nova edição a partir de um cartaz de divulgação. Um policial foi até a loja, comprou um exemplar e o entregou à corte de juízes, que emitiu um mandado de busca e apreensão a partir da Lei de Publicações Obscenas de 1959. E a editora foi processada e, em sua defesa, argumentou que *Fanny Hill* era um livro de fontes históricas, que celebrava alegremente o sexo normal e não pervertido. A acusação rebateu, enfatizando uma cena atípica envolvendo flagelação, e venceu. Entretanto, no ano seguinte, outra editora conseguiu publicar uma edição de luxo, ainda com cortes, com elogios de um jornal e de uma importante crítica de livros.

O estado de Massachusetts, EUA, voltou a proibir o livro por obscenidade em 1963, depois que uma mãe reclamou à Comissão de Controle de Literatura Obscena. Porém, a editora levou o caso à Suprema Corte estadunidense que, três anos depois, em decisão histórica tirou o livro da censura.



Já era plena luz do dia. Eu estava sentada na cama — cujas roupas haviam sido todas revolidas ou empurradas para longe pelos movimentos singulares que fizemos e pelo calor abafado do tempo — e não pude negar a mim mesma um prazer que me atraía de forma irresistível: a bela oportunidade de deleitar a vista com todos aqueles tesouros de juventude e beleza que eu havia desfrutado, e que agora se exibiam quase inteiramente nus, com a camisa dele amontoada em um bolo desordenado — algo que, devido ao calor do ambiente e da estação, não me preocupava quanto às consequências. Inclinei-me sobre ele, verdadeiramente enamorada, e devorei todos os seus encantos nus com apenas dois olhos, quando eu teria desejado ter pelo menos cem, para desfrutar ainda mais daquela contemplação.

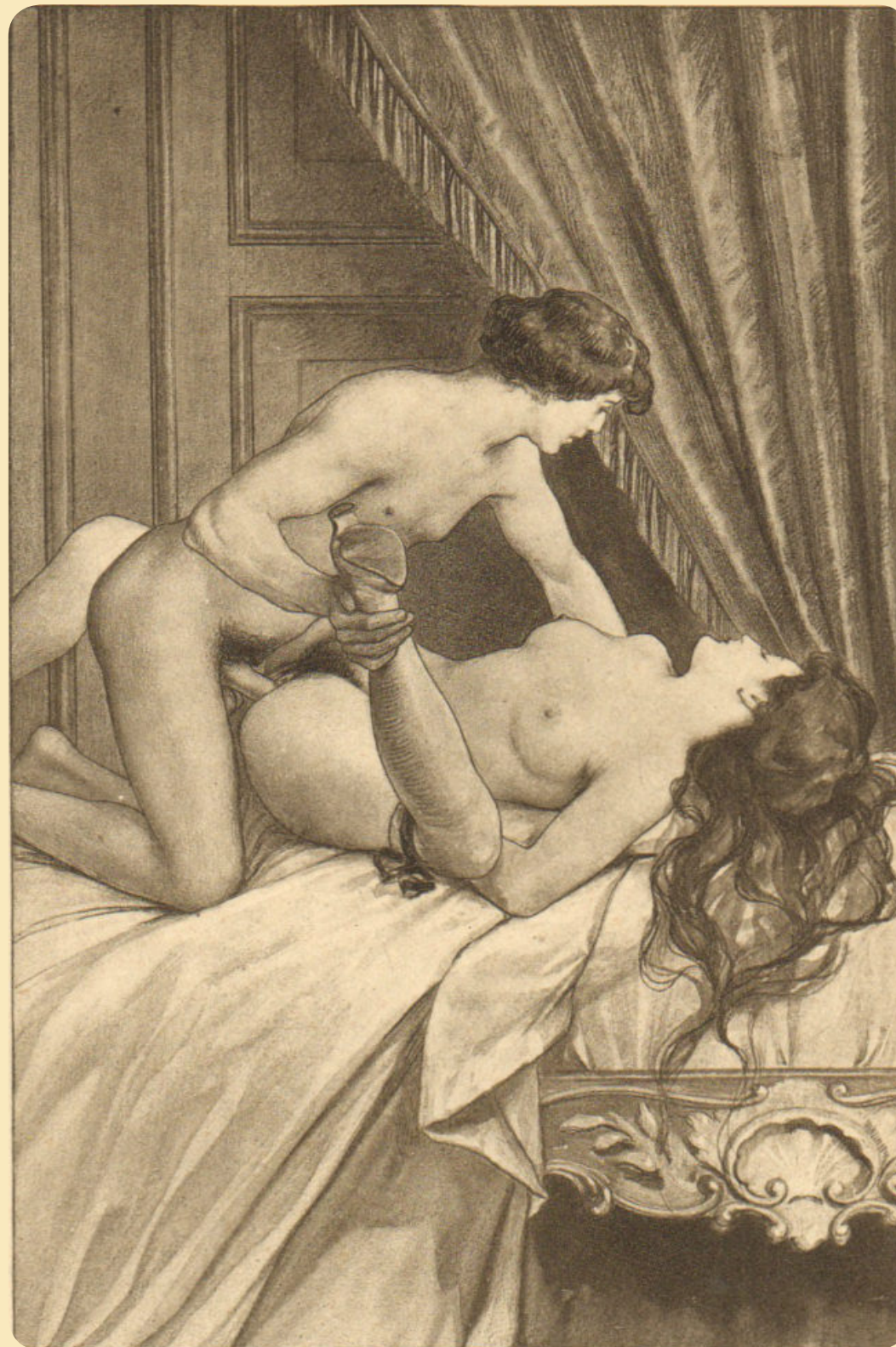
Ah! Pudessem eu retratar a sua figura tal como a vejo agora, ainda presente à minha imaginação arrebatada! A imagem de corpo inteiro, em plena visão, de uma beleza masculina perfeita. Imaginem um rosto sem defeito, resplandecente com todo o viço nascente e o frescor da juventude — idade em que a beleza pertence a ambos os sexos —, mal assinalada pela penugem inicial sobre o lábio superior.

O entreabrir dos seus lábios rubros parecia exalar um ar mais doce e puro do que o que inalava: ah! Quanta violência me custou conter o beijo tão tentador!

Então, um pescoço delicadamente curvado, adornado na nuca e nas laterais pelos cabelos que se espalhavam livremente em cachos naturais, ligava sua cabeça a um corpo de forma perfeita, suavizado pela delicadeza da tez, a suavidade da pele e a plenitude da carne.

A superfície de seu colo alvíssimo, de proporções viris, apresentava, no cume rubro de cada mamilo, a imagem de uma rosa prestes a desabrochar.

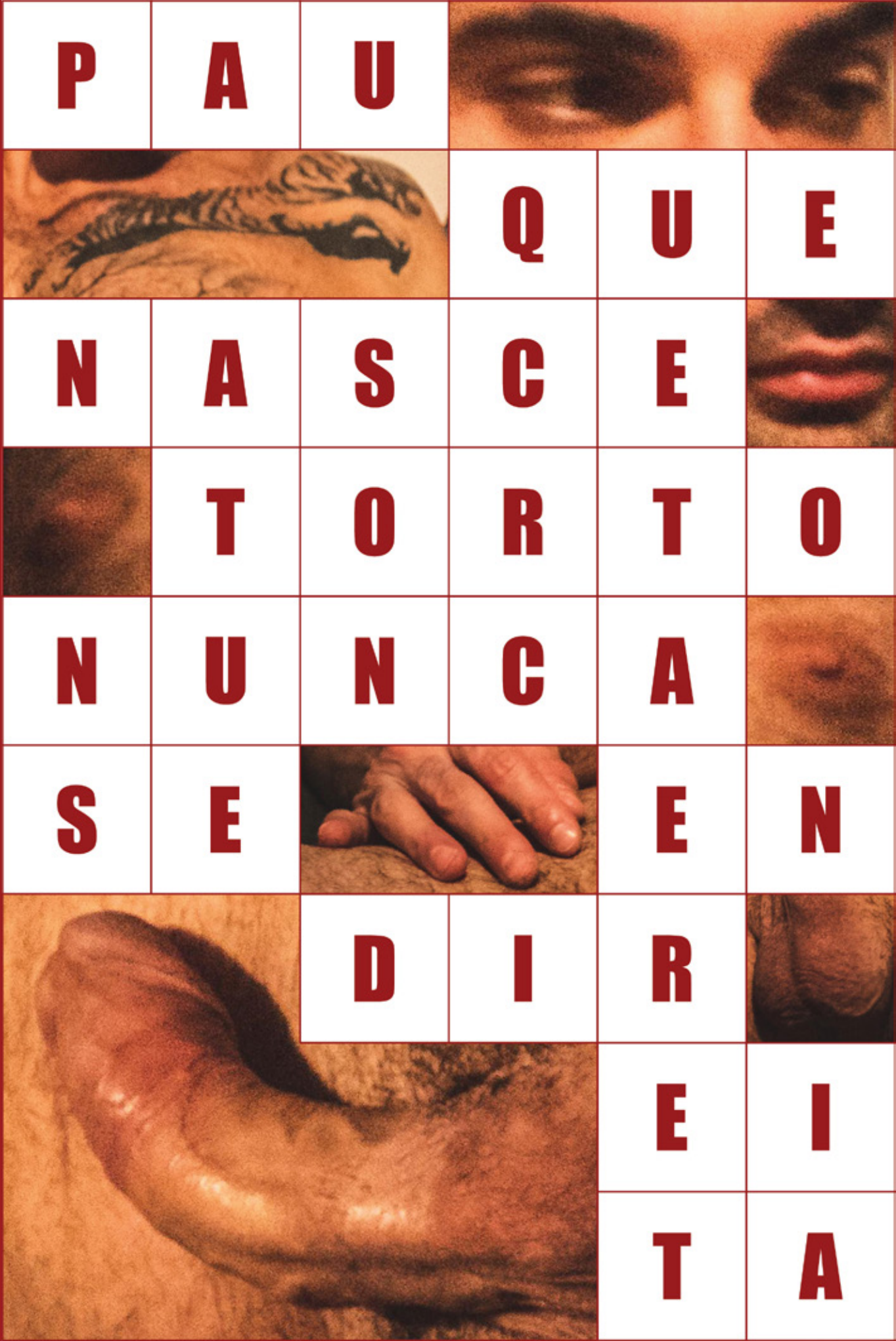
Nem mesmo a camisa me impediu de observar a simetria de seus membros, a perfeição de suas formas no caimento do tecido em direção aos quadris — onde a cintura termina e começa a curva arredondada do quadril; onde a pele, lisa,



macia e de uma brancura deslumbrante, brilhava ao esticar-se sobre uma carne firme, cheia e viçosa, que se franzia formando covinhas à menor pressão, ou sobre a qual o toque não conseguia repousar, deslizando como sobre a superfície do marfim mais polido.

Suas coxas, de formas primorosas e uma redondeza viçosa e lustrosa, afinando-se gradualmente em direção aos joelhos, pareciam pilares dignos de sustentar aquele corpo magnífico; na base do qual eu não conseguia — sem que restasse algum vestígio de pavor, mas também de ternura — deixar de fixar o olhar naquela máquina temível que, pouco antes, com tamanha fúria, havia invadido, dilacerado e quase arruinado aquelas minhas partes tenras e delicadas, que ainda ardiam pelos efeitos de sua violência; mas vejam-na agora! Encolhida, com a cabeça vermelha — parcialmente coberta pelo prepúcio — repousando sobre uma de suas coxas; quieta, dócil e, ao que tudo indicava, incapaz de causar os danos e a crueldade que antes perpetrara. Depois, a bela penugem em cachos curtos e macios ao redor da base; a brancura, as veias ramificadas, a flexível suavidade do corpo do membro — ali encurtado pela perspectiva, retraído e grosso, lânguido, sustentado entre as coxas pelo seu apêndice globular, aquela maravilhosa bolsa de tesouros e delícias da natureza que, arredondada e franzida naquelas únicas rugas capazes de agradar, completava o quadro; tudo isso formava a imagem em movimento mais fascinante da natureza — infinitamente superior às representações de nudez criadas por pintores ou escultores, ou por qualquer arte, vendidas a preços exorbitantes, enquanto a visão da realidade é um privilégio desfrutado por poucos: aqueles a quem a natureza dotou de uma imaginação ardente, guiada por um julgamento preciso em direção à fonte original da beleza — a composição inigualável da natureza, que transcende qualquer imitação artística ou a capacidade da riqueza de pagar o seu preço.

Mas tudo tem um fim. Um movimento feito por aquele jovem angelical, na languidez de quem está caindo no sono, reposicionou a camisa e as roupas de cama, ocultando aquele tesouro à minha vista. **8=D**



NUTOPIA

Ensaio Fotográfico em Estúdio – São Paulo (Bela Vista)



Transforme seu corpo em arte.

Descubra o seu potencial através de um ensaio que valoriza forma, presença e expressão.

Nutopia é um projeto autoral de fotografia contemporânea que celebra a masculinidade com sensibilidade, estética e atitude.

📍 Studio Nutopia – Bela Vista, SP

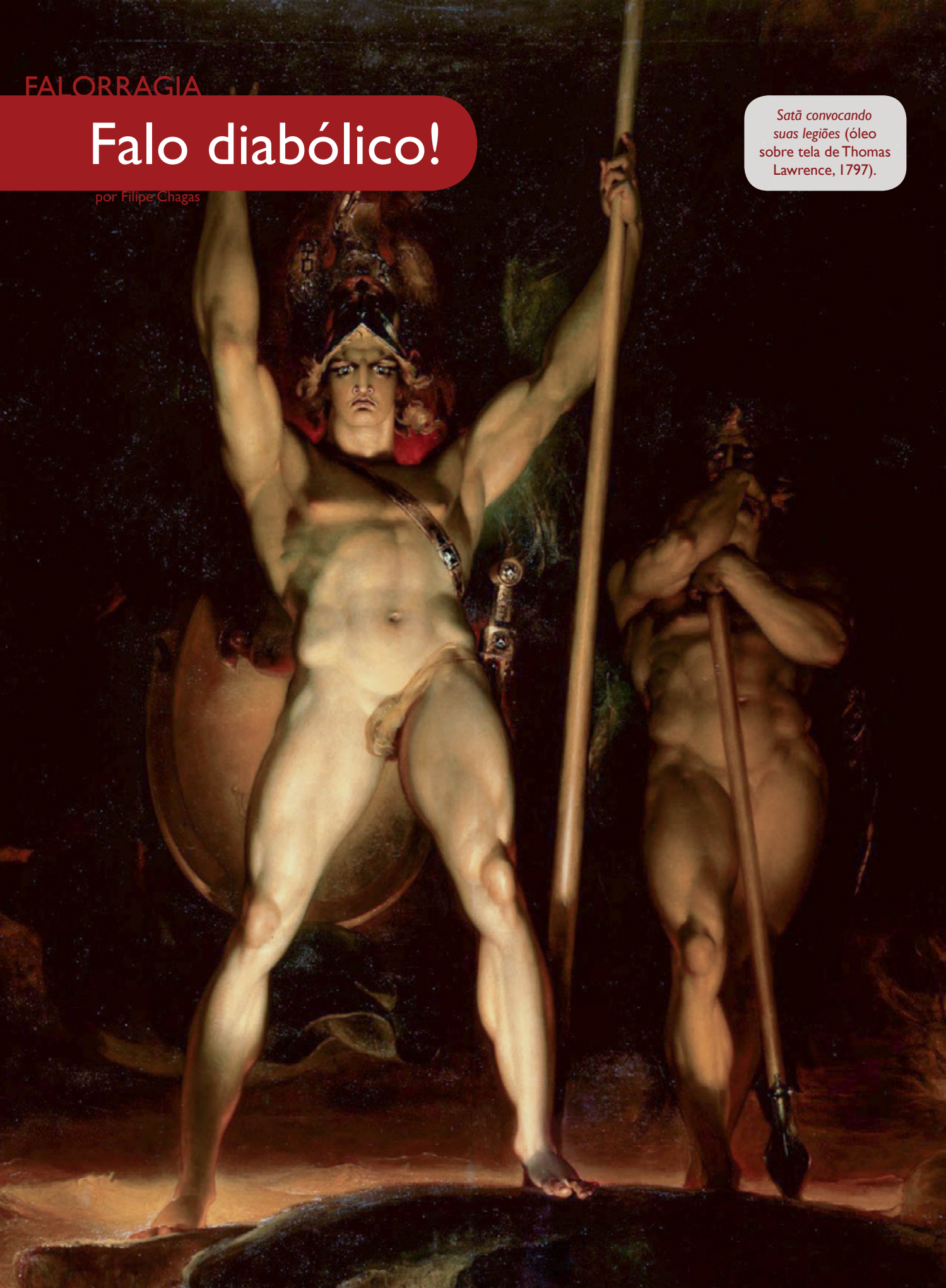


Agende seu ensaio agora:
www.nutopia.online
11 93734-7518

Falo diabólico!

por Filipe Chagas

Satã convocando
suas legiões (óleo
sobre tela de Thomas
Lawrence, 1797).



A figura do diabo é uma construção histórica e cultural.

No século 6 AEC, o zoroastrismo – a religião da Pérsia antiga – introduziu o dualismo entre o bem e o mal com a figura de Arimã (Angra Mainyu), o príncipe das trevas combatendo o deus da luz, Ahura Mazda. Quando os hebreus foram exilados na Babilônia, entraram em contato com essas ideias persas e começaram a moldar o conceito de Satã.

Em hebraico, *ha-Satan* significava “o opositor” ou “o acusador”. No Antigo Testamento, ele atuava como um colaborador ou fiscalizador a serviço de Deus, e não como um monstro maligno. No Novo Testamento, a figura se individualizou como *Diabolos* (o caluniador ou o que divide, em grego) ou *Daimon* (força impulsiva, em grego), transformando-se no grande adversário de Deus e dos humanos. A imagem clássica com chifres, pernas de bode e tridente não está na Bíblia.

É somente a partir do século II que ele começa a aparecer como um monstro dotado de cauda, orelhas animais, barbicha caprina, artelhos, patas e chifres, adquirindo também asas de morcego. – Umberto Eco, em “A história da feiúra”.

A fome, as pestes e o lento desmonte do sistema feudal cooperaram para que o diabo assumisse suas características inumanas. Nos embates de culturas, os símbolos das outras religiões foram colocados como algo extremamente ruim e malévolo: assim, a assimilação da cultura grega e seus deuses por parte do cristianismo trouxe contribuições como os chifres, os pés de bode e o rabo, características do deus Pã, bem como o tridente de Poseidon/Netuno; a entrada do



Pã e Dáfnis, estátua romana em mármore, c. 100 AEC.



Netuno (Retrato de Andrea Doria), óleo sobre tela de Bronzino, 1546.



Placa de prata do Caldeirão de Gundestrup com o deus celta Cernunnos, c. 100 AEC.

cristianismo nos países celtas, ao norte da Europa, contribuiu para reforçar essa imagem próxima do deus Cernunno, o deus chifrudo. Perceba que essas entidades eram ligadas à natureza e, portanto, de alguma forma, à fertilidade e à liberdade sexual e do corpo.

Enquanto para culturas ditas pagãs, o pênis era um amuleto, um ícone de criatividade e abundância, uma força amoral da natureza reverenciada em sua potência, e o sexo era um elo de comunhão com o eterno, a construção aabrâmica tornou tudo obscuro, sujo. Com as grandes instituições buscando controle dos corpos, do prazer e do sexo na Idade Média, o diabo tornou-se o responsável pelos desvios morais. Sexo deveria ser apenas no matrimônio com objetivo de procriação, mas através de “tentações”, o diabo era capaz de levar a humanidade ao pecado da luxúria que, na maioria das vezes, não era nada pervertido, apenas a liberdade de existir e viver sua sexualidade.

Ora, quanto às coisas que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher; Mas, por causa da fornicção, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido. O marido pague à mulher a devida benevolência, e da mesma sorte a mulher ao marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e também da mesma maneira o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher. Não vos priveis um ao outro, senão por consentimento mútuo por algum tempo, para vos aplicardes ao jejum e à oração; e depois ajuntai-vos outra vez, para que Satanás não vos tente pela vossa intemperança. – I Coríntios 7

Entretanto, o sexo – e principalmente o pênis – já era maléfico há muito tempo. Santo Agostinho ainda era um bispo em Hipona no fim do século 3 quando desenvolveu a ideia que a tentação de Satanás no Paraíso, levou Eva e Adão a sucumbir aos seus desejos sexuais e, assim, não só foram expulsos como punidos com o pecado original: ou seja, o sexo por prazer é o pecado original que é transmitido pelo orgasmo e pela ejaculação. Não à toa, a Virgem passou a simbolizar a pureza por ter sido construída a partir do não-contato com um pênis. Um pênis corromperia a personagem e retiraria sua santidade. A ereção involuntária é a comprovação de que o diabo controla os impulsos sexuais, é a tentação, a marca do pecado original.

Dessa linha de pensamento, Tomás de Aquino, no século 13, criou demônios de forma feminina (súcubos) e masculina (incubos) que invadiam os sonhos para ter relações sexuais e roubar energia vital, bem como a culpabilização das mulheres a partir do falso testemunho de bruxaria. E é daí também que a figura do diabo começou a ser relacionada com o pênis, como ficou extensamente registrado no *Malleus Maleficarum*, ou Martelo das Feiticeiras, o guia definitivo dos caçadores de bruxas publicado em 1486. Contudo, algumas representações também colocaram uma vagina – ou boca do inferno – no diabo em um claro ato de misoginia artística.

O pênis do diabo era a obsessão de todo inquisidor e o “astro” de quase toda confissão de bruxas. As mulheres, invariavelmente, diziam que era frio, mas discordavam em outros detalhes. Algumas localizavam o pênis em seu traseiro. Outras diziam que ele tinha dois, e, ainda outras, que era bifurcado. A maioria relatou que era preto e cheio de escamas. Várias disseram que “não havia nada onde deveriam pender o escroto e os testículos”. Uma comparou o pênis do Diabo ao de um mulo, que o Maligno expunha constantemente, de tão orgulhoso que era de seu tamanho e forma. – David Friedman, em “Uma mente própria”.

Se o desejo sexual era um animal selvagem, a Igreja se postou como uma domadora de animais (de demônios). A imagem soberana do diabo foi ganhando força paralelamente ao processo de consolidação do poder papal e da figura do rei autocrático, que precisavam aparecer como aqueles capazes de resistir a um deus da maldade cada

Sabá das bruxas, óleo sobre tela de Francisco de Goya, 1798.



vez mais poderoso e antagonista da paz e da ordem. O medo virou uma ferramenta dogmática e os discursos de “Juízo Final”, “Apocalipse”, “ser temente a Deus” se tornaram chave para a “salvação”.

Ou seja, o diabo é uma construção imagética política. Atente que esse é o mesmo processo que levou Exu – figura seminal de matriz africana – a ser comparado ao diabo.

Mas veja... mesmo antes da ideologia cristã sobre o pênis, ele já era o alvo. Na Antiguidade clássica greco-romana, sua representação flácida em pequenos tamanhos já significava controle dos impulsos, fator importante para o homem ser um cidadão. Imagens de Priapo com seu grande membro ou de sátiros com ereção eram símbolos de loucura, de excesso de impulsos, de uma liberdade incondizente com a vida em sociedade. Era de se esperar que, na Idade Média, com o domínio das concepções cristãs no Ocidente, o pênis tenha praticamente desaparecido da Arte – sendo recuperado durante o antropocentrismo renascentista que resgatou o classicismo.

Antonio Magalhães e Eli Brandão, no texto “O diabo na arte e no imaginário ocidental”, lembram o paradoxo da Arte nesse processo: ao mesmo tempo em que captou as formas diversas da cultura popular, ela também serviu aos interesses sistematizadores das instituições para o uso despótico numa verdadeira pedagogia do medo.

No Iluminismo, a partir do século 17, começa uma transformação da figura do diabo inversamente proporcional à do pênis, pois, enquanto o personagem é levado à descrença e à zombaria na busca pelo racional ao invés do sobrenatural, o sexo e os genitais vão sendo cada vez mais censurados. O que era coisa do diabo passa a ser cada vez mais coisa do humano, portanto, sexo livre era pura perversão, um desvio, uma doença.

O diabo não há! Existe é homem humano.

– protagonista Riobaldo, em “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa.

Exu, escultura de ferro da Costa do Marfim.

Ao se ver livre da tutela eclesiástica, os homens do Romantismo (século 19) vão encontrar no diabo a liberdade de expressão do espírito (e do sexo) que outrora se encontrava reprimida. E é nesse período, mais precisamente em 1830, que nasce Eugène Lepoittevin (1806-1870), artista francês que alcançou sucesso precoce e duradouro como pintor de paisagens e temas marítimos.

Aos 20 anos, Lepoittevin se matriculou na famosa École de Beaux Artes, em Paris, e seu virtuosismo técnico rapidamente virou sucesso profissional, com mais de 150 obras nos salões anuais. Em 1830, o artista tornou-se um litógrafo e caricaturista prolífico, com trabalhos publicados no popular periódico *La Caricature*. Seu álbum *Ombres Fantastiques* (Sombras fantásticas) trazia silhuetas provocativas e alguns demônios travessos.

Os diabinhos e seus infelizes parceiros humanos tornaram-se uma sensação e Lepoittevin produziu vários álbuns de litografias eróticas. Um deles foi *Charges et décharges diaboliques* (Cargas e descargas diabólicas), que em 1845 foi censurado e depois condenado à destruição por ser considerado um ultraje à moral pública e aos bons costumes. Mais de 100 anos depois, em 1951, nos EUA, o álbum foi apreendido porque “o tema dominante do material, considerado em seu conjunto, apela ao interesse lascivo”. O álbum foi liberado em 1958 para o *Kinsey Institute for Research in Sex, Gender and Reproduction*.

O álbum apresentava doze gravuras em preto e branco, contendo mais de 50 cenas que retratavam demônios fálicos interagindo com mulheres. As gravuras utilizavam humor ácido e temas sexuais para satirizar a sociedade francesa da época.



Satã incitando os anjos rebeldes, aquarela e nanquim de William Blake, 1808.



Charges et Décharges diaboliques.



O Bem e o Mal. | Todo Mundo tem vez.

Fenômeno vivo. | Oh! como eles são agradáveis.
Confessor. | Minha Fofoca ao dançar...

Deus, como eu avanço. | Grande Caçada.
A jarreteira da Noiva. | A Tentação.



Charges et Décharges diaboliques.



A Desflorada. | Agora está mordendo. | A fonte endiabrada.

Charges et Décharges diaboliques.



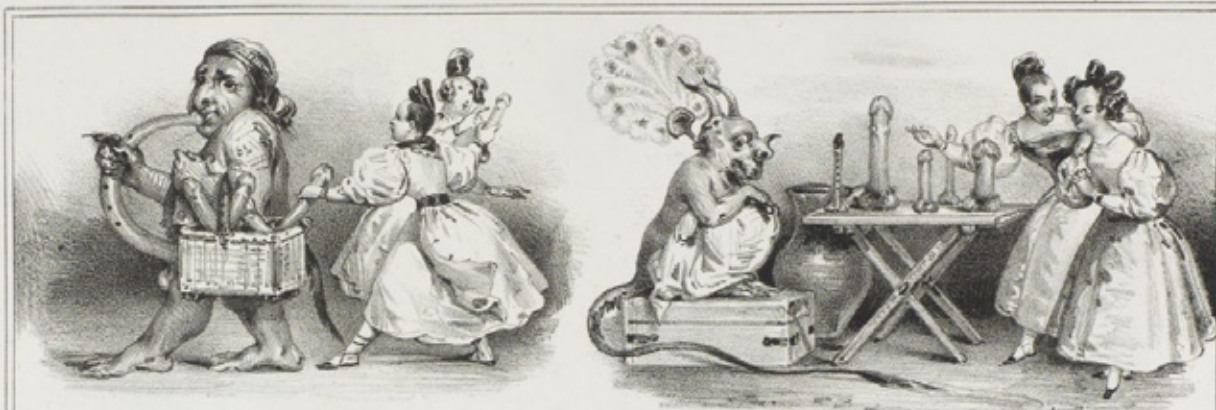
Segure firme. | A bela Borboleta. | Escola de Natação. | Que prazer.

Prazer Diabólico. | O Tiro agradável. | A Perda de um Membro.

Charges et Décharges diaboliques.



Charges et décharges Diaboliques.



Un Vol manie-fesses.

Le Choix dans la boutique.

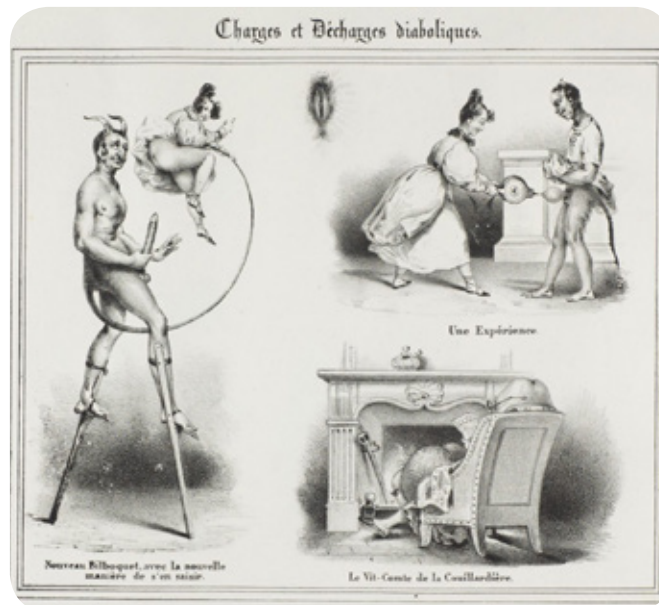


La Rosée Diabolique.

Um roubo de mão-leve. | A Escolha na Loja. | O Orvalho Diabólico.

Adoremus. | O primeiro Navegador. | O Gentil Trovador. | Priapo feliz.

Novo Bilboquê, com a nova maneira de segurá-lo.
Um Experimento. | O Visconde da Escrotidão.



Charges et Décharges diaboliques.



O Ora-dor. | A Peça curiosa. | Regozijo.

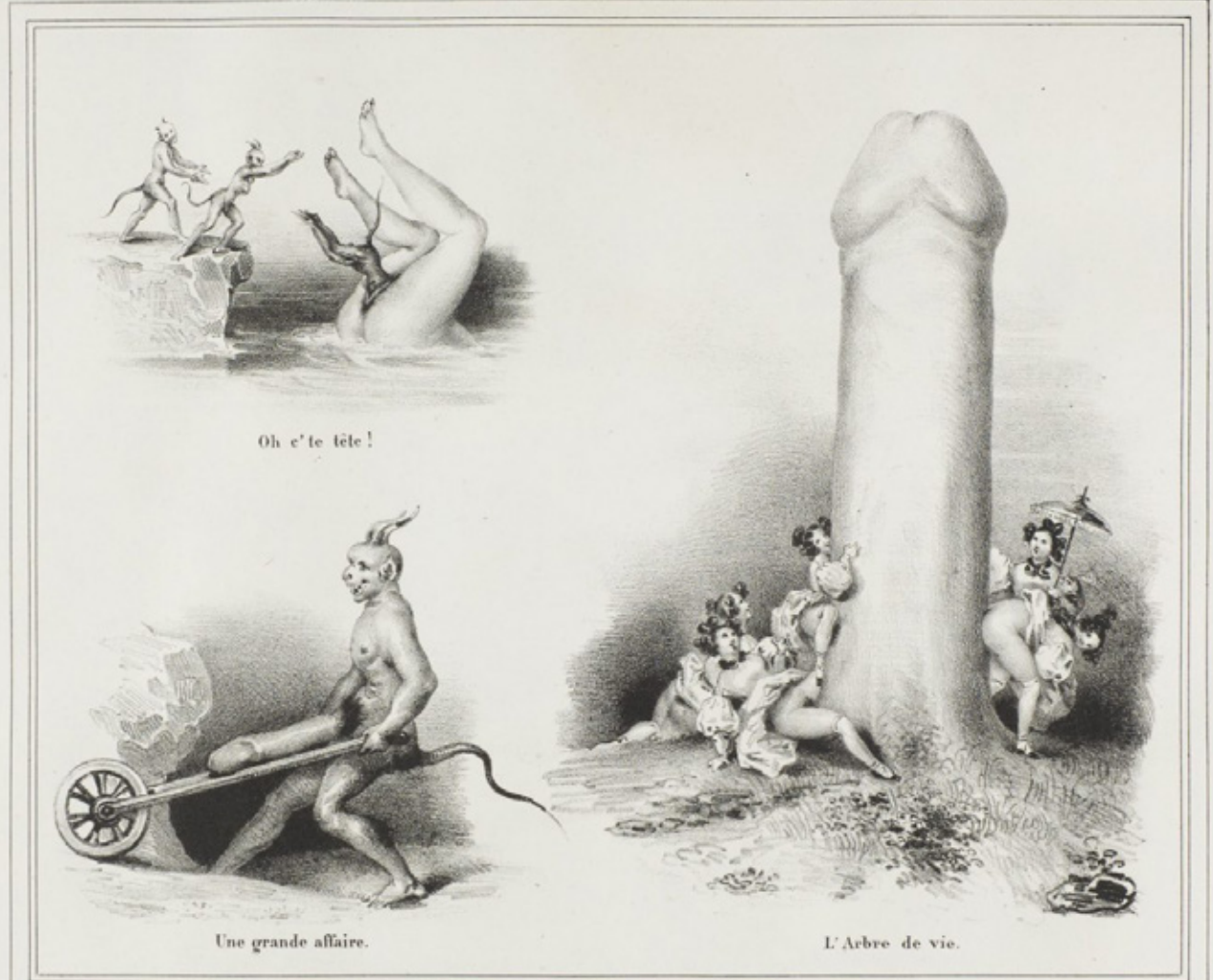
Charges et décharges Diaboliques.



O Jato d'água. | 1º Encontro. | Um achado. | Maldito Pau!

Oh, veja esse cara! | Um grande caso. | A Árvore da vida.

Charges et Décharges diaboliques.



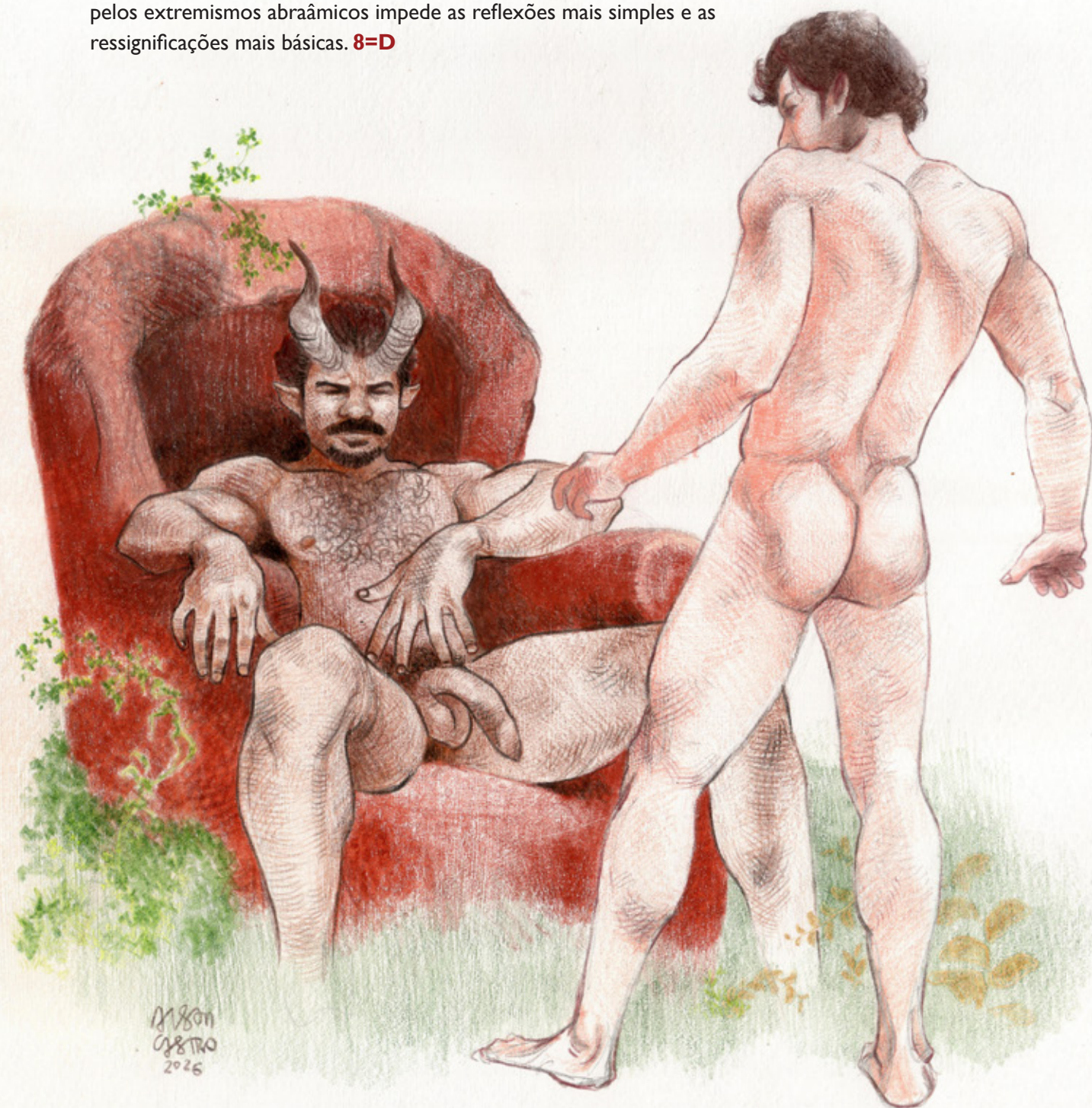
Une grande affaire.

L'Arbre de vie.



Não fuja do seu desejo selvagem, lápis de cor em papel de Alson Castro, 2026.

É nesse lugar proibido, sujo e demoníaco que hoje – séculos e séculos depois da Era das Trevas – nudez, sexo e genitais ainda se encontram. Pode parecer um comentário radical e exagerado, mas códigos sociais foram construídos e enraizados ao longo desse tempo e a censura se mantém amplamente ativa como ferramenta política e proselitista. O corpo vive dividido entre o sagrado e o profano, entre o íntimo e o público, entre o bem e o mal. Essa dicotomia babilônica cultivada pelos extremismos abraâmicos impede as reflexões mais simples e as ressignificações mais básicas. **8=D**



Ele veio porque você chamou, lápis de cor em papel de Alson Castro, 2026.



NÃO SE PRENDA A ESTEREÓTIPOS



Pesquisa sobre
a anatomia
peniana feita com
a participação
de mais de 100
leitores/seguidores,
**totalmente
ilustrado.**

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do
e-mail falonart@gmail.com



Projeto experimental de **Rodrigo Turra** que aborda masculinidades e o tabu do pau mole.

PEDALANDO PELADO POR AMSTERDÃ

Minha primeira experiência na Pedalada Pelada

Este texto é diferente do que costumo compartilhar, porque é um relato em primeira pessoa, então espero que gostem. Prazer, sou Rodrigo, a mente por trás da Paumolice.

Durante anos, eu quis participar do **World Naked Bike Ride** (ou *Pedalada Pelada* no Brasil), mas nossas agendas sempre desencontravam (e talvez eu estivesse me sabotando). No início de julho, tive a sorte de estar em Amsterdã e finalmente pude participar, e preciso compartilhar o quão incrível foi a experiência.

Caso não conheçam, o WNBR é um evento global organizado em diversas cidades. A nudez é usada como um lembrete da vulnerabilidade dos ciclistas nas ruas, e é um protesto contra a cultura do carro. O rolê também visa “transmitir uma visão de um mundo mais limpo e seguro, que valorize a diversidade corporal”. O conceito inicial surgiu em Zaragoza, na Espanha, em 2001, com o nome de *Ciclonudista*, e em 2003 recebeu seu nome atual.

Imagino que você provavelmente esteja pensando que Amsterdã não precisa disso, com uma cultura/infra de bicicletas tão desenvolvida, mas os ciclistas estão se sentindo cada vez mais inseguros, já que o número de acidentes aumentou 25% nos últimos 10 anos. Desde que me mudei para cá, a bicicleta se tornou meu meio de transporte diário preferido, a ponto de eu sentir saudades dela sempre que viajo. E sim, eu sinto essa mudança nos últimos 8 anos.

Enfim, deixa eu contar mais:



www

Lindo, livre, leve, solto

O grupo se reuniu primeiro no Parque Frankendael, e eu estava atrasado com meus amigos. Então, quando estávamos chegando no parque, os ciclonudistas já estavam saindo. Não tivemos nem chance de hesitar ou de nos acostumar a ficar pelados em um lugar tão estranho. Pulamos da bicicleta e arrancamos a roupa enquanto os ciclistas nos convidavam a participar. Acho que éramos uns 200, mas sou péssimo em estimar corpos nus em bicicletas. Levei 2 segundos para me sentir em casa.

Desde o início, eu já estava com aquele sorriso. Olhei para baixo algumas vezes e... sabe aqueles pesadelos em que você se esquece de se vestir e percebe que está pelado na escola ou no trabalho? Foi assim, mas parecia um sonho desses bem maravilhosos. Foi surreal pedalar por Amsterdã em um dia tão ensolarado.

Ponte magra

De lá, fizemos nossa primeira parada na icônica Ponte Estreita (Magere Brug). Lá, tivemos a oportunidade de conversar com outras pessoas e nos acostumarmos com a situação; é impressionante a rapidez com que nos adaptamos a estar nus no meio da cidade. Tinham alguns fotógrafos prontos para registrar o evento. O tempo estava lindo, então, é claro, aproveitei o momento para passar protetor solar, inclusive nas minhas partes não-mais-tão-íntimas.

As reações das pessoas vinham da rua, dos barcos, de outras bicicletas. Em geral, as pessoas riam, aplaudiam, filmavam e acenavam para os ciclistas. Algumas crianças riam e apontavam, outras foram instruídas a cobrir os olhos. As senhoras mais velhas foram as que mais apoiaram a ideia, eu diria.

Homomonument

A segunda parada foi no Homomonument, o primeiro monumento do mundo dedicado aos homossexuais que foram perseguidos. Ficar nu em frente a uma igreja é uma sensação blasfema libertadora. Dava pra ver a confusão na cara de alguns turistas.

Fui comprar água em uma das lojas, e foi estranho interagir com os donos da barraquinha estando nu – a senhora não ficou muito contente e deu uma reclamada, apesar da vitrine de vidro entre nós (a única reação negativa que presenciei naquele dia, sendo sincero).



WNBR '26 - AMS

MUSEUMPLEIN



@flaccidzine

> > >

Museumplein

Ao seguirmos para nossa terceira parada, a Museumplein, fiquei pensando no privilégio de estar participando de algo assim. A equipe de controle de trânsito que estava abrindo as ruas para nós foi extremamente respeitosa, garantindo nossa segurança. Viver em uma cidade que não só permite a nudez, como também a protege, é algo muito especial.

A nudez é um tema bastante controverso no Brasil, meu país: nudez em público é considerada indecente e pode dar treta. E mesmo tendo crescido em uma família bastante aberta à nudez, eu era o mais tímido, sempre vestindo cueca e me cobrindo, enquanto meus pais e irmãos andavam nus sem vergonha nenhuma.

Ao chegar aos meus 20 e poucos anos, comecei a investigar porque eu era tão inseguro em relação a isso e me desafiei a explorar a nudez: ficar nu perto de amigos (se a ocasião pedisse, como se arrumando juntos), posar para amigos e fotógrafos, e cheguei até a ser DJ pelado algumas vezes na Kevin – a festa-patrimônio gay de São Paulo.

Me mudar para Amsterdã perto dos 30 anos definitivamente me deu mais oportunidades para praticar a nudez. A nudez é de praxe nos SPAs e saunas, e há pelo menos cinco locais em Amsterdã que permitem nudez em público: parques, praias e lagos – tem até uma área designada para *cruising*. Alguns bares, como o Club Church, incentivam a nudez – e o Free Willy é um bar nudista. Tudo isso me ajudou a (re)naturalizar a nudez.

Para efeito de comparação, o Brasil tem apenas 8 praias de nudismo oficiais em todo o país, e há um projeto de lei em tramitação que tenta aumentar a pena por *cruising* para até 5 anos de prisão, a mesma pena para o primeiro delito de tráfico de drogas.

Vondelpark

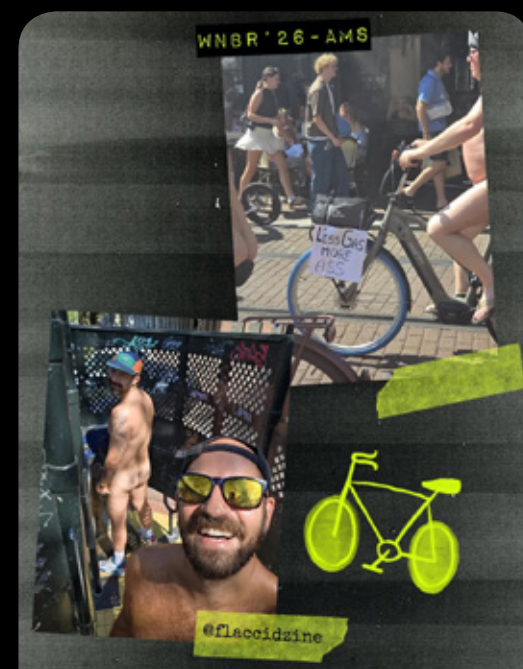
O evento terminou após duas horas no belíssimo (e lotado) Vondelpark. Os ciclistas nus comemoravam, tirando fotos e trocando contatos – ou até elogios sobre seus acessórios, pintura corporal ou joias genitais.

Estar nu na natureza já é uma experiência e tanto, pois parece mais natural. Mas tirar a roupa no meio da cidade é outra história. Foi lindo ver a diversidade de corpos ocupando a cidade. Além disso, pedalar pelado foi uma experiência e tanto, com o vento soprando para todos os lados (e o sol queimando).

Peladices.

Já se passaram alguns meses, mas ainda estou sob o efeito de ter curtido minha cidade completamente pelado, compartilhando esse momento com amigos e desconhecidos. Também senti que foi um ótimo momento de conexão com meus amigos (obrigado, Giacomo e Ben), mesmo que já tivéssemos ultrapassado a barreira de ficar nus uns na frente dos outros.

E ainda mais foda é que me sinto mais próximo de Amsterdã depois de um momento tão íntimo. Que este seja o primeiro de muitos passeios de bicicleta nus pelo mundo. **F**



@flaccidzine

ESTRANHOS DEMAIS

Conto do escritor e artista visual **Jozias Benedicto**, originalmente publicado no livro “Estranhas criaturas noturnas” (2013), Editora Apicuri, finalista do Prêmio SESC de Literatura 2012/2013. Versão revista e ampliada pelo autor em 2026.



“Estranhos”. Fez uma pausa e arrematou: “Os humanos, estranhos demais”. Concordo com ele e com seu sorriso tímido; foi só tomar o primeiro gole e desandou a falar; a espuma branca do chope brilhando em seu bigode ralo: “homem de barba ou bigode sempre me dá um puta tesão”. Bebo meu primeiro gole, devo estar também com o bigode marejado de espuma.

Nós nos conhecemos pela internet; a conversa fluiu e o tesão cresceu. Conversamos muito, até decidirmos o encontro ao vivo. Ele: bem mais jovem, estudante, não sei bem o que estuda. Eu, gerente em uma grande empresa, mulher e filhos, vida de condomínio. Escolhemos para o encontro uma cidade turística entre a minha e a dele, onde é impossível algum conhecido nos flagrar tomando chope em pleno sábado à tarde. Um final de semana inteirinho, convivendo de verdade, trepando, dormindo juntos, talvez até fazendo planos para novos encontros, quem sabe? Viajo a trabalho com frequência, não foi difícil a mentira: “final de semana inteiro de workshops da empresa”. Minha mulher, se desconfia, não deixa transparecer.

Sexta-feira, cheguei na cidade ainda a tempo de ver o sol se pondo sobre o mar. Liguei para minha mulher, “cheguei bem”, fiquei lendo no quarto do hotel, quando ele chegou parecia que era mais que um encontro sem compromisso, era como um casal se revendo em casa depois de um dia de trabalho. Só que era a primeira vez em que nos tocávamos, em que o virtual se fez carne. Nos beijamos e foi bom. Saímos depois para jantar e bebemos, dormimos abraçados e trepamos de novo ao acordar, café da manhã no hotel e voltamos a trepar e a cochilar abraçados e aqui estamos bebendo o primeiro chope da

tarde de sábado, fazendo planos para o domingo. Para o futuro. E narrando nossas histórias um para o outro, olhos nos olhos:

“Saí com um cara em minha cidade, um médico, muito louco, meu tipo, barba bonita, casado, saímos umas vezes, e aí ele disse que saía também com um garoto, mas estava gostando de mim e queria um relacionamento fixo comigo e com o garoto, e com a mulher, que é dentista, queria que fôssemos morar com eles na mesma casa e coisa e tal”.

“E você?”

“Caí fora, me meter em confusão? Muito conhecido na cidade, um dia a vida louca deu problema, a mulher pediu o divórcio para ficar só com o garoto, ele teve que dividir tudo com ela e mais uma pensão alta. Ela é louca pelo garoto que transa com metade da cidade”.

Outro chope. Minha vez de contar: “um cara do meu trabalho. Mais novo, do interior, morando em quarto de pensão, chamei para ver um jogo comigo um domingo à tarde, fomos a um motel, ele ficou de cueca e camisa do Flamengo...”, fechei os olhos, tentei lembrar melhor para contar com detalhes, se o cara tinha barba ou não, lembrei só da camisa do Flamengo e da cueca, e do pau dele sempre duro dentro da cueca mesmo que o jogo não estivesse lá estas coisas. Bebe outro gole de chope, espuma no bigode, e prossegue com as histórias da cidadezinha dele.

São só histórias tristes. Não é bom, o clima fica pesado. Busco alguma coisa engraçada para contar, mas não consigo pensar em nada. Melhor pedir o almoço. A especialidade daqui são as

ostras gosmentas, os camarões sem gosto, os bolinhos de bacalhau rançosos, mas para nós não tem nenhum problema, o importante é estarmos juntos. Continuamos com as histórias absurdas, nem me lembro direito, de como foi a primeira vez com homem, a primeira vez com mulher; se já fez suruba, se já fez sexo pagando, se já recebeu grana para fazer sexo, se já usou poppers, se já foi a dark-room, se já fez fist-fucking, claro que não, todos negam.

Voltamos para o hotel cambaleando, o impulso é de nos abraçarmos, mas a vontade mais forte é a de mijar; mijamos na rua, em um beco, nos beijamos mijando, os dois paus latejantes se procuram como se nunca mais fossem se separar. O centro desta cidade em um sábado é deserto, talvez seja perigoso, mas o maior perigo é a vontade de ficar a vida inteira com este cara que mal conheço, a vida inteira mijando e nos beijando até que não haja mais uma gota de mijo ou que a saliva de nossas bocas unidas brote como uma fonte, muita cerveja, gargalhamos e nos beijamos mais ainda. Seguimos abraçados. No hotel, o tempo de tirar a roupa e cair na cama, corpos suados, e depois de gozar o sono vem suave, pela janela o vermelho do fim de tarde.

Acordo, o quarto todo escuro, só a TV ligada, sem som; ele completamente vestido, soluçando. Ainda estou meio bêbado e meio dormindo, pergunto “o que foi?”

“Ligaram da minha casa, meu pai internado, passou mal, está na UTI, passou mal, meu pai, internado”, repete, chora baixinho.

“O que ele teve? Coração? Derrame? Está consciente? Fora de perigo?”

“Não sei direito, não sabem me dizer, foi o coração, um enfarte, um principio de enfarte, acho, agora está fazendo uns exames”. Chora. Eu o abraço, queria protegê-lo. Continua: “tenho que ir para casa, não posso deixar minha mãe sozinha resolvendo tudo”

Para de chorar, assoa o nariz, me abraça, diz, “chama um táxi pra mim”. Tento falar que vou com ele até a rodoviária, até a cidade dele, até o fim do mundo. Quero estar com ele neste momento, em todos os momentos difíceis da vida dele, mas ele diz que não precisa. A mochila está pronta, arrumada, procura no banheiro, no armário, se não esqueceu nada. Peço o táxi, nos beijamos, diz que vai me ligar para me dar notícias, respondo que vai dar tudo certo. Nos beijamos.

Volto a dormir, antes pego uma lata de cerveja no frigobar. No dia seguinte, o domingo, passeio a pé pela orla, vou a um shopping. À tarde vou a uma sauna, converso com um e outro jovem. Penso nele, será que chegou a tempo, será que o pai melhorou? Mesmo assim faço o que faz um homem de meia idade solitário em uma sauna cheia de jovens. E troco contatos, quem sabe? Confiro toda hora as mensagens, nenhuma é dele. Mando uma mensagem “como está seu pai?”, continua como não lida. Volto para minha cidade no horário marcado. Ele não me ligou. Não só no domingo, nunca mais me ligou, nunca mais mandou uma mensagem, um e-mail. Nada. No aplicativo já não existe mais o perfil que eu achava que conhecia tão bem e com quem eu fazia planos para o futuro. Nada. Silêncio. Humanos são estranhos demais.

JUVENS MODERNOS
ADOTAM O COQUE...

SUCK
MY
COQUE!



ADÃO





POLÍTICAS GAYS POLARIZADAS

A orientação sexual cria uma experiência social comum, mas não uma consciência política comum.

A palavra comunidade pode criar uma expectativa de solidariedade que nem sempre existe, porque identidade compartilhada não significa necessariamente identificação. Dois homens podem ser gays e, mesmo assim, um não se reconhecer na experiência do outro. Isso aparece muito claramente nas questões de classe, raça, idade, corpo, masculinidade, HIV, religião, gênero e sexualidade. O que nos une é a compartilhada experiência de sermos diferentes da norma, mas isso não nos torna iguais uns aos outros. O mesmo vale para o restante da sigla (L, B, T, Q, I, A...).

Não existe uma ideologia gay. Existem gays de esquerda, de direita, liberais, socialistas, conservadores, anarquistas, religiosos, ateus... e também gays que simplesmente não querem associar sua sexualidade a alguma identidade política. Ainda que baste utilizarmos o mínimo de consciência para compreender que absolutamente tudo é político... porque política não é apenas partido, eleição ou militância.



Política também diz respeito a poder, normas, direitos, reconhecimento, acesso, pertencimento e à maneira como uma sociedade organiza a vida coletiva.

Um homem gay que decide viver uma relação monogâmica está fazendo escolhas pessoais, e essas escolhas acontecem dentro de uma história política sobre casamento, família e sexualidade. Um gay que rejeita a militância LGBT continua vivendo em uma sociedade na qual ser gay tem determinado significado político. Talvez a questão contemporânea não seja julgar qual é a “posição política dos gays”, mas compreender porque continuamos procurando transformar uma população absolutamente heterogênea em um sujeito coletivo único.

Isso conversa muito com Foucault: o poder não está apenas no Estado ou no partido; ele atravessa os corpos, os discursos, os desejos, as normas e aquilo que aprendemos a considerar “normal”.

Dito isso: não faz sentido se aliar a discursos políticos que tentam a todo custo derrubar direitos e nocautear existências... ou faz?



O maior portal de **nu masculino** do Brasil.
www.fotodehomem.com





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

